

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
MATEMÁTICA**

DAIANE MARIA SEIBERT

**A TRANSIÇÃO DO QUINTO PARA O SEXTO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DAS
EXPECTATIVAS E IMPRESSÕES DOS DISCENTES**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TOLEDO

2019

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
MATEMÁTICA**

DAIANE MARIA SEIBERT

**A TRANSIÇÃO DO QUINTO PARA O SEXTO ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DAS
EXPECTATIVAS E IMPRESSÕES DOS DISCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Toledo, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Orientador: Dr. Rodolfo Eduardo Vertuan

TOLEDO

2019

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
MATEMÁTICA

TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental: uma investigação acerca das expectativas e impressões dos discentes” foi considerado **APROVADO** de acordo com a ata nº ___ de ___/___/___.

Fizeram parte da banca examinadora os professores:

Rodolfo Eduardo Vertuan

Barbara Winiarski Diesel Novaes

Emerson Tortola

TOLEDO

2019

RESUMO

Seibert, D. M.: **A transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental: uma investigação acerca das expectativas e impressões dos discentes**. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus Toledo* (UTFPR-TD), Paraná, 2019.

Este trabalho parte da preocupação de se entender as expectativas e impressões de estudantes de quintos e sextos anos do Ensino Fundamental, em relação ao processo de transição de um ano escolar para o outro. Nos dedicamos, especificamente, à análise de desenhos e entrevistas feitos com os alunos de cinco escolas parceiras de um projeto maior sobre o tema, financiado pelo CNPq, três municipais e duas estaduais. Apresentamos os resultados da pesquisa em três artigos que constituem este trabalho de conclusão de curso. O primeiro artigo discute os desenhos feitos pelos estudantes, apresentando no caso dos alunos do quinto ano, como se deu o ano escolar e suas expectativas para o sexto ano, e no caso dos alunos do sexto ano, como foi sua vivência no sexto ano e suas lembranças do quinto ano. O segundo artigo também considera os mesmos desenhos, mas se dedica às interpretações de professores das escolas em que estudam os alunos quando analisam estes desenhos. Ao analisarem os desenhos, percebe-se que muitas das imagens feitas pelos alunos do quinto ano, e conseqüentemente suas expectativas em relação ao sexto ano, refletem as práticas e discursos dos próprios docentes em sala de aula. O terceiro artigo, baseia-se nas entrevistas realizadas com os alunos, buscamos averiguar diversos episódios que contribuam com a compreensão do porquê a transição do quinto para o sexto ano se apresenta com tantas tensões na vida dos estudantes. Assim, este trabalho argumenta que os estudantes, como membros de uma sociedade, necessitam de apoio tanto de seus professores, quanto de suas famílias, nesse momento especial de sua vida escolar, sendo importante terem espaço para expressar suas opiniões, fomentar discussões em prol de seu desenvolvimento e oportunidades de conhecer e tirar dúvidas sobre as expectativas que apresentam.

Palavras-chave: Transição do 5º para o 6º ano, Análise dos desenhos, Educação Matemática, Análise de Entrevista, Família na vida escolar.

ABSTRACT

Seibert, D. M.: The transition from fifth to sixth grade: an investigation into students' expectations and impressions. F. Final Paper (Graduation) Federal Technological University of Paraná - Toledo Campus (UTFPR-TD), Paraná, 2019.

This paper comes from the concern to understand the expectations and impressions of fifth and sixth grade students about the transition process from one school year to the next. We are, specifically, dedicated to the analyzes of drawings and interviews done with students from five partner schools of a larger project on the subject, funded by CNPq, three municipal and two state schools. We present the research results in three articles that constitute this graduation final paper. The first article discusses the drawings made by the students, presenting, in the case of the fifth grade students, how the school year was and their expectations for the sixth grade, and in the case of the sixth grade students, how was their experience in the sixth grade and their memories of the fifth grade. The second article also considers the same drawings, but it is devoted to the interpretations of teachers in the schools where students study when they analyze these drawings. Analyzing the drawings, it is clear that many of the images taken by fifth grade students, and consequently their expectations for the sixth grade, reflect the practices and discourses of the teachers themselves in the classroom. The third article is based on interviews made with the students. On this, we seek to investigate several episodes that contribute to the understanding of why the transition from the fifth to the sixth grade presents so many tensions in the students' lives. Thus, this paper argues that students, as members of a society, need support from both their teachers and their families at this special moment of their school life, being important to them having space to express their opinions, to foment discussions in favor of their development and opportunities to meet and answer questions about their expectations.

Keywords: Transition from 5th to 6th grade, Drawing Analysis, Mathematics Education, Interview Analysis, Family in School Life.

PREFÁCIO

Este trabalho, submetido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Matemática da Universidade Tecnológica Federal – Campus Toledo (UTFPR – TD), contém uma introdução, um artigo submetido para publicação em um evento paranaense de Educação Matemática, um artigo submetido e aceito em um evento nacional da mesma área, e um terceiro artigo a ser submetido, bem como algumas considerações finais.

Artigo I (Submetido para avaliação no Encontro Paranaense de Educação Matemática):

SEIBERT, D. M. e VERTUAN, R. E. Expectativas e impressões de estudantes de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental sobre a transição de um ano escolar para o outro. In: ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 15., 2019. Anais... Londrina: SBEM, 2019.

Artigo II (Aceito para publicação no Encontro Nacional DE Educação Matemática):

SEIBERT, D. M. e VERTUAN, R. E. Quando professores analisam os desenhos de seus alunos – Olhares para as expectativas dos estudantes em relação à transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Anais... Cuiabá: SBEM, 2019.

Artigo III (A ser submetido):

Seibert, D. M. e Vertuan, R. E. (2019). A transição do quinto para o sexto ano e o envolvimento familiar em suas realidades e expectativas.

SUMÁRIO

| | | |
|---|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 | ARTIGO I..... | 10 |
| | EXPECTATIVAS E IMPRESSÕES DE ESTUDANTES DE 5° E 6° ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A TRANSIÇÃO DE UM ANO ESCOLAR PARA O OUTRO .. | 10 |
| 3 | ARTIGO II | 27 |
| | QUANDO PROFESSORES ANALISAM OS DESENHOS DE SEUS ALUNOS: OLHARES PARA AS EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO À TRANSIÇÃO DO QUINTO PARA O SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL | 27 |
| 4 | ARTIGO III | 42 |
| | A TRANSIÇÃO DO QUINTO PARA O SEXTO ANO E O ENVOLVIMENTO FAMILIAR EM SUAS REALIDADES E EXPECTATIVAS | 42 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 57 |

1 INTRODUÇÃO

Com este estudo buscamos entender diferentes fatores presentes na transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental, averiguar rupturas e continuidades, contribuindo com sugestões de encaminhamentos para amenizar os impactos presentes na transição. Este tem sua origem derivada um projeto maior apoiado pelo CNPq sobre a transição, mais especificamente, sobre a Educação Matemática neste contexto, sendo o projeto: Da passagem do quinto para o sexto ano do ensino fundamental: uma investigação acerca da cultura escolar, dos processos de ensino e aprendizagem e das concepções docentes e discentes. Discutimos como essa transição tem afetado os estudantes, tanto sobre a perspectiva daqueles estudantes do quinto ano que estão a passar para o sexto, quanto sobre as impressões dos estudantes que estão vivenciando o sexto e já vivenciaram o quinto ano.

Algumas diferenças entre o quinto e o sexto ano são evidentes, gerando as expectativas em relação ao sexto ano, à nova escola, aos vários professores, aos novos amigos de turma, enfim, em relação ao desconhecido e às ideias construídas, formalmente ou não, sobre esse desconhecido. Além disso, percebe-se que essa grande mudança ocorre em um curto período de tempo: em dezembro são do quinto ano e em fevereiro, cerca de um mês e meio há dois meses depois, já precisam se adaptar à nova situação.

Como parte desse projeto, temos cinco escolas parceiras, três municipais e duas estaduais. As municipais apresentam os anos iniciais do Ensino Fundamental abrangendo do primeiro ao quinto ano e as estaduais com os anos finais do Ensino Fundamental, do sexto ao nono ano, sendo estas escolhidas de forma estratégica, do ponto de vista de que, comumente, os alunos ao terminarem sua passagem pela escola municipal ingressam nas estaduais presentes neste estudo, sendo que uma escola estadual compartilha até o mesmo espaço físico de uma escola municipal.

Ainda há uma ação envolvendo a formação continuada dos professores que ensinam matemática destas escolas parceiras e demais interessados em discutir a transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Esta já tem envolvido alguns pedagogos e direção escolar, que buscam discutir desde conteúdos matemáticos e questões de aprendizagem, quanto a prática docente neste período de transição. Esse grupo de estudos, denominado Grupo de Segunda por ocorrer a cada vinte e um dias, sempre nas segundas-feiras, embora não seja objeto de pesquisa do presente trabalho, contribui no tocante ao segundo artigo desenvolvido, isso

porque baseamo-nos nas reflexões dos professores participantes deste grupo, ao analisarem os desenhos dos alunos, foco do trabalho.

Temos como intenção discutir no artigo 1: *Quais as expectativas e impressões de estudantes de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental sobre a transição de um ano escolar para o outro?*

Temos como intenção discutir no artigo 2: *O que emergem das reflexões dos professores de quintos e sextos anos do Ensino Fundamental quando analisam desenhos de alunos de suas escolas acerca das expectativas que tem em relação ao sexto ano?*

Temos como intenção discutir no artigo 3: *Investigar o que dizem os alunos sobre suas expectativas ou suas experiências em relação ao processo de transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental.*

Apresentando tensões e com poucos estudos e contribuições sobre a transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental, se faz necessária a pesquisa sobre a transição do 5º para o 6º ano. Trata-se do desafio de entender este momento ímpar na vida dos estudantes, que juntamente com a transição escolar acontece também a passagem da infância para a adolescência, além de ser momento de alterações emocionais, cognitivas, biológicas e culturais. A transição também apresenta sua carga de mudanças, tanto de escolas municipais para as estaduais. Assim, estudar este processo se faz necessário a fim de contribuir para amenizar os impactos desta transição na vida dos alunos.

2 ARTIGO I

EXPECTATIVAS E IMPRESSÕES DE ESTUDANTES DE 5º E 6º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A TRANSIÇÃO DE UM ANO ESCOLAR PARA O OUTRO

Daiane Maria Seibert
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
daiane-seibert1@hotmail.com

Rodolfo Eduardo Vertuan
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
rodolfovertuan@gmail.com

Resumo: A transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental configura um momento importante para estudantes e professores, de tensão e expectativas. Por isso, neste trabalho temos como objetivo discutir e comparar as manifestações de estudantes de quintos e sextos anos que, em novembro de 2018, representaram ou sua expectativa de vivenciar o sexto ano ou suas impressões em relação ao sexto ano vivenciado comparando-o ao quinto, por meio de desenhos. Os desenhos apresentados mostram diversos sentimentos e detalhes que chamam a atenção em se tratando de dois anos letivos escolares que são consecutivos na vida das crianças. Os desenhos evidenciam a ansiedade de alunos do quinto em relação ao que esperam vivenciar no sexto ano, bem como denotam em quais aspectos da transição sentem-se mais desconfortáveis. Do mesmo modo, evidenciam que os alunos do sexto ano, em sua maioria, tem impressões de que no quinto existiam momentos de atividades mais alegres.

Palavras-chave: Análise de desenhos. Transição do 5º para o 6º ano. Ensino Fundamental. Educação Matemática. Expectativas.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem sua origem em um projeto maior apoiado pelo CNPq sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental, mais especificamente, sobre a Educação Matemática neste contexto. Busca entender o que acontece no contexto escolar em seus diferentes fatores durante essa transição, apontar para rupturas e continuidades, bem como sugerir encaminhamentos que minimizem os impactos dessa transição. Neste trabalho, discutimos como essa transição parece afetar os estudantes, tanto sobre a perspectiva daqueles estudantes do quinto ano que estão a passar para o sexto, quanto sobre as impressões dos estudantes que estão vivenciando o sexto e já vivenciaram o quinto ano. Trata-se de uma pesquisa realizada no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de um curso de Licenciatura em Matemática e de um projeto de Iniciação Científica.

Antigamente, nos referíamos aos níveis de ensino como escola primária e ginásio, ou ainda, de primeira à quarta série e de quinta à oitava série. Hoje, denominamos como primeiro ao quinto ano e como sexto ao nono ano respectivamente. Em 2004, ocorreu a modificação que

trouxe o Ensino Fundamental de nove anos, sendo do primeiro ao quinto ano, denominado anos iniciais do Ensino Fundamental e de sexto ao nono ano, anos finais do Ensino Fundamental. Neste trabalho, nos interessamos pela transição entre o quinto e o sexto ano.

Algumas diferenças entre o quinto e o sexto ano são evidentes, como o fato dos alunos deixarem de ter um professor regente de turma trabalhando várias disciplinas, para ter um especialista para cada uma delas; no sexto ano, por conta disso, as aulas de uma disciplina passam a ter duração exata de uma ou duas aulas, enquanto no quinto o professor fica com a turma todo o período; cada professor tem uma única turma no quinto ano (duas, no máximo, trabalhando dois padrões), enquanto no sexto ano, cada professor atua em muitas turmas, tendo em consequência muitos alunos. Além disso, percebe-se que essa grande mudança ocorre em um curto período de tempo: em dezembro são do quinto ano e em fevereiro, cerca de dois meses depois, já precisam se adaptar à nova situação.

Com tantas diferenças presentes nestes anos escolares que são consecutivos e estudantes mostrando cada vez mais dificuldades, temos o objetivo de identificar e discutir, neste trabalho, apontamentos dos alunos sobre o quinto e sexto ano, através de desenhos produzidos por eles quando são convidados a representar, em uma folha sulfite, dois cenários. Para os alunos do quinto ano, como foi o quinto ano que estavam em vias de concluir e como esperavam que seria o sexto ano para o qual iriam; e para os alunos do sexto ano, como foi o sexto ano que estavam concluindo, e como eles se recordavam do quinto ano na escola em que estudaram no ano anterior. Portanto, os desenhos apresentados foram elaborados tanto por alunos do quinto ano com suas expectativas para o sexto ano, quanto a vivência do estudante que está no sexto ano.

Neste contexto, temos como intenção investigar à seguinte interrogação: *Quais as expectativas e impressões de estudantes de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental sobre a transição de um ano escolar para o outro?*

Para isso, apresentaremos o encaminhamento metodológico da pesquisa; discutimos, brevemente, o desenho no contexto escolar, bem como a transição do quinto para o sexto ano; apresentamos alguns dos desenhos dos alunos e as respectivas discussões/reflexões representativos do conjunto de dados de que dispomos; e, finalmente, apresentamos nossas considerações finais e as referências.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A coleta de dados foi realizada no final do ano letivo de 2018, com turmas de quinto e sexto ano de cinco instituições públicas do interior do Paraná, participantes do projeto. Sendo três escolas municipais e dois colégios estaduais.

A escola I municipal e a escola IV estadual, situam-se em uma região central da cidade e ambas ocupam o mesmo espaço físico, já a escola II, também municipal, fica próxima as escolas I e IV, o que leva a maior parte dos alunos realizarem a transição do quinto ano tanto da escola I e II para o sexto ano da escola IV.

Já as escolas III municipal e V estadual, são consideradas de bairro e não dividem o mesmo espaço físico, porém são muito próximas uma da outra, sendo afastadas de demais escolas, o que leva os alunos da escola III, também, comumente continuarem seus estudos no sexto ano da escola V.

Em cada escola, fomos direcionados a trabalhar com uma turma especificamente. Portanto, fizemos nossa coleta de dados com cinco turmas, três de quintos e duas de sextos. Diante dos alunos cujos responsáveis haviam autorizado a participação na pesquisa, fizemos grupos com os alunos para participarem de uma entrevista. Nessa entrevista, pedimos para os alunos apresentarem suas opiniões sobre o quinto e o sexto ano, bem como foi (ou esperavam que seria) a transição de um ano escolar para o outro. Durante a coleta de dados também foi solicitado aos alunos do 5º ano, para que desenhassem sobre suas vivências no quinto e suas expectativas para o sexto ano, e aos alunos do 6º ano, suas vivências nesse ano letivo e suas lembranças sobre o quinto ano. É sobre esses desenhos produzidos que nos dedicamos neste trabalho.

De cunho qualitativo e caráter exploratório, temos o objetivo de apresentar as ideias, comportamentos e singularidades presentes nos desenhos dos estudantes do quinto ano em sua expectativa em relação ao sexto ano, e apresentar os mesmos aspectos em relação aos alunos do sexto ano comparando a sua vivência no ano letivo atual e anterior. A pesquisa qualitativa considera “o fato de a inferência ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem) e não sobre sua frequência de aparição” (BARDIN, 1977, p. 115). Portanto, dedicamo-nos a explorar possibilidades de inferências a partir dos desenhos dos alunos, em suas especificidades.

Neste artigo, os estudantes serão identificados com códigos, tais como “5A1”, primeiramente com o numeral 5 para representar o quinto ano e 6 para o sexto; com a vogal A e um número identificando os diferentes alunos. Diante das limitações de espaço do artigo, consideramos algumas produções representativas, sem identificar a escola correspondente.

O DESENHO

O uso do desenho e representações pictóricas pelas crianças se dá desde muito cedo, com início com rabiscos a partir do momento em que conseguem segurar instrumentos que deixam traços. Conforme as crianças vão se desenvolvendo, seus desenhos ficam mais claros e

passam a representar algumas ideias. O traço consegue comunicar uma ideia devido à precisão motora que está sendo aperfeiçoada, principalmente na escola. A produção passa a contar com maior quantidade de detalhes devido ao desenvolvimento da criança.

No entanto, após o domínio total da fala o desenho acaba sendo menos praticado, pois segundo Vigotski as crianças utilizam o desenho de modo a suprir a carência que a mesma apresenta na fala. Para o autor, “[...] o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Nesse sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos” (VIGOTSKI, 1991, p. 127).

Os aspectos essenciais dos objetos tratados na fala de Vigotski (1991), tratam-se da interpretação realizada pela criança sobre a experiência que a mesma vivenciou com o objeto. Do mesmo modo, Ferreira (2001) afirma que “os significados das figurações do desenho da criança são culturais e produto das suas experiências com os ‘objetos reais’ mediadas pela palavra e pela interação com o ‘outro’” (FERREIRA, 2001, p. 35).

Assim, os desenhos das crianças são representações que denotam sua experiência, tanto do objeto quanto da sua cultura, o que interfere diretamente nos seus traçados. Ainda, não podemos deixar de notar que sua visão pode ser de certa forma modificada pela sua imaginação, pois segundo Natividade *et al* (2008), as crianças não têm uma visão crítica sobre o todo e sim sobre o que lhes interessa.

No processo de elaboração do desenho também está presente a imaginação, pois a criança observa a realidade e registra desta, aquilo que lhe é significativo, sendo os diversos recortes dessa realidade combinados imaginativamente e objetivado por meio do desenho (Natividade *et al*, 2008, pg. 12).

Na mesma linha, Ferreira (2001) acrescentam que as impressões dos objetos acabam se modificando devido à vivência, cultura e desenvolvimento intelectual dos estudantes, podendo ser combinados pela sua imaginação.

A seguir temos um desenho do aluno 6A1, como exemplo, para que possamos visualizar diferentes aspectos presentes, mostrando a riqueza presente no todo. Consideramos que, por partes, os estudantes pretendem apresentar diversas ideias, sua interpretação sobre determinados assuntos e que, ainda, pode haver detalhes que representam ideias não conscientes dos alunos.

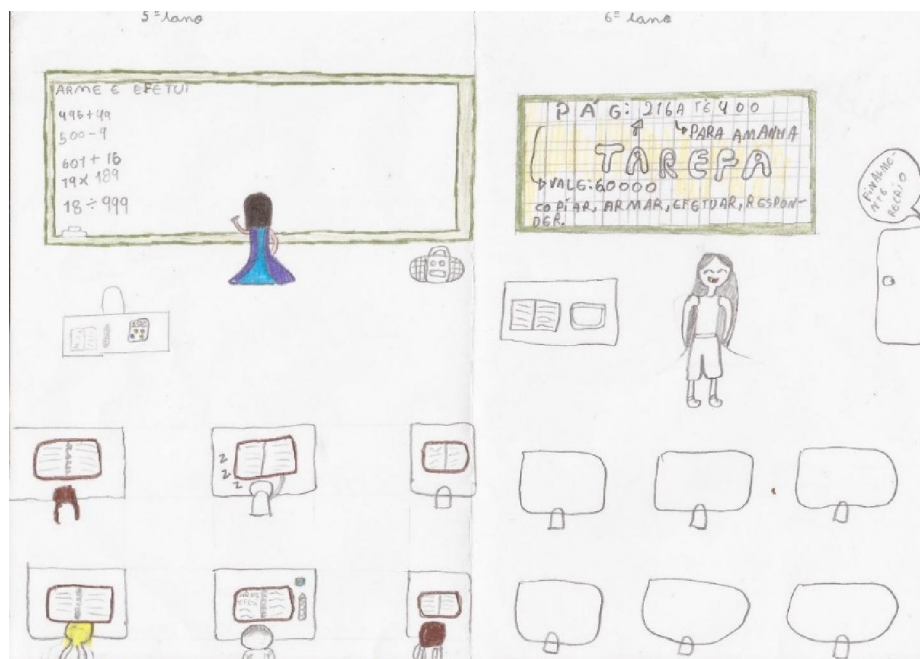


Figura 1 – Desenho de 6A1

Fonte: os autores

Podemos perceber a riqueza de um desenho analisando alguns pontos, como:

- ✓ Há a presença de um rádio na sala de aula (5º ano), o que pode demonstrar o fato de a professora utilizar mídias com as crianças. Mas perceba que a mesma está lecionando matemática virada para o quadro com giz na mão, não encarando os alunos. Neste sentido, talvez o rádio seja utilizado para colocar uma música de fundo, e não para realizar uma atividade em si.
- ✓ Sobre a atividade passada no quadro: no primeiro caso (5º ano) a professora está passando as contas, que não são muitas e com enunciado simples “arme e efetue”, ao contrário do 6º ano, onde tem a indicação da atividade das páginas de “216 a 400”. Perceba que o aluno utiliza uma numeração alta, com uma grande quantidade de atividades e o complemento: “para amanhã”, “vale 60.000” e ainda apresenta o que a professora solicita “copiar, armar, efetuar, responder”.
- ✓ A professora no 5º ano passando a atividade no quadro, de costas e escrevendo para que os alunos copiem e os mesmos estão nas carteiras com seus cadernos abertos, mesmo que apresente um aluno dormindo, ao se comparar com o 6º ano a professora feliz, mas sem nenhum aluno dentro de sala de aula, carteiras vazias e uma fala de um aluno ecoando pela porta “finalmente recreio” como uma expressão libertadora.

No entanto, é possível que o leitor considere outros aspectos/ideias não vislumbrados, inicialmente, por nós, pesquisadores; bem como discordar de algumas de nossas interpretações, o que também são características de uma pesquisa qualitativa: a subjetividade reconhecida e assumida no processo de investigação.

A TRANSIÇÃO

Os anos iniciais do Ensino Fundamental, de acordo com a lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN, “deveria ocorrer desenvolvendo positivamente a autonomia do estudante” (PAULA et al., 2018, p. 38), propiciar situações em sala de aula para que o aluno analisasse sua realidade e sentisse a necessidade de buscar novos conhecimentos, sendo estes grandes desafios das escolas. Neste contexto, poderiam ser diminuídos os impactos do que temos denominado de transição de um nível escolar para o outro, causando implicações para a vida escolar principalmente nesta transição (CARDOSO; LARA, 2009 *apud* CUNHA, 2016).

Observa-se nessa transição uma dualidade pedagógica, onde os antigos alunos do quinto ano estão familiarizados com uma organização escolar que é totalmente diferente no sexto ano, tanto quanto a quantidade de professores, tempo das aulas, metodologias e a afetividade, que geralmente é muito presente nos anos iniciais. Os “estudantes que sofrem calados com as modificações que lhe são impostas sem receber um apoio condizente com o tamanho do problema que está sendo enfrentado, pois na visão de familiares, colegas e professores não é tão relevante assim” (PAULA et al., 2018, p. 35).

Segundo Paula et al. (2018), a dualidade pedagógica também pode levar os estudantes a se sentirem acuados e a adquirirem estresse antecipado. Isso combinado com seus 10 ou 11 anos, esta mudança pode ser considerada radical, trazendo diversos sentimentos, tanto de medo, expectativa e sentimento de (in)dependência. Com tantos sentimentos pode ocorrer o excesso tanto quanto a falta de confiança para passar dessa fase, se tratando da falta, o medo e o bloqueio social podem ser facilmente ativados no estudante, onde o baixo rendimento e/ou problemas comportamentais estão sujeitos a aparecer, o que ainda pode levar à evasão escolar.

Paula et al. (2018, p. 41), ainda nos diz que “sentir-se bem em meio a um novo grupo torna-se objetivo de conquista” e continua complementando que “quando a proximidade entre educador e estudante acontece, a transição não afeta seu crescimento educacional canalizando a afetividade a favor do conhecimento”. Compartilhando do mesmo pensamento, Dias-da-Silva (1997) acredita que a falta de cuidados com as crianças e da falta de afeto por parte do professor dos anos finais impacta diretamente na indisciplina, deixando claro que a indisciplina tratada,

são os comportamentos que os alunos demonstram ao se deparar com o sexto ano, apresentados pelos seus novos professores.

Com papel fundamental, segundo Freire (2011), a afetividade colabora com o desenvolvimento do aluno, permitindo que o aluno enfrente o novo desafio de forma a se obter aprendizados e contribuindo para sua integração no novo ambiente escolar.

Segundo Barzotto (2013), o aluno está caminhando sem se dar conta de qualquer problema, pois está acostumado com a escola e com as situações do dia a dia, sendo, por vezes, receptível à mudança, e em outras, reagindo às novas situações do contexto escolar, para as quais considera não ter preparo para vivenciar.

Além disso, Cunha (2016, p.23) destaca o despreparo dos professores em relação à transição:

O (des)preparo dos professores faz com que se esqueçam de que esses alunos estão passando por esta transição e então, entram em sala para cumprir seu papel, preparados pra dar a sua aula para alunos despreparados. E nesse processo os que conseguirem se adaptar terão sucesso, os outros serão futuros índices de reprova, evasão.

O autor conclui afirmando que existe uma ruptura muito grande na transição do quinto para o sexto ano e acredita que o envolvimento de todos se faz necessário, professores, equipe pedagógica e família, que tenham sensibilidade para apoiar e conduzir o aluno de forma que se sinta acolhido.

O QUE MANIFESTAM OS ALUNOS

Apresentamos primeiramente os desenhos dos alunos do quinto ano com suas vivências e suas expectativas para o sexto ano, com ênfase nos detalhes apresentados e o que cada um pode nos trazer de reflexões. Apresentamos, inicialmente, o desenho de 5A1.



Figura 2 – Desenho de 5A1

Fonte: os autores

O desenho apresenta a vivência do aluno no quinto ano, a professora de frente para os alunos, com combinação de roupa verde e azul, escrevendo no quadro com um leve sorriso no rosto. Por ser o desenho de um aluno do quinto ano vemos sua expectativa em relação ao sexto ano, onde apresenta uma professora com a combinação de roupa azul e verde, na posição contrária à roupa da professora do quinto ano, ela está de costas para os alunos escrevendo já no final do quadro que aparentemente apresenta mais anotações do que o quadro do quinto ano. Além disso, apresenta uma lixeira ao lado do quadro, mas os lixos não estão dentro dela e sim esparramados pelo chão próximo ao quadro. A professora não mostra preocupação em relação a esse lixo, como se fosse algo comum.

A presença de lixo no chão, mesmo que a sala apresente uma lixeira, mostra a expectativa de 5A1 de que haja presença de estudantes bagunceiros e mal-intencionados na sala de aula, o que pode denotar um sentimento de medo por parte do aluno em relação novo ambiente escolar. Paula et al. (2018, p.39) afirma que “para estudantes e familiares que já passaram, estão passando ou passarão pela transição dos anos iniciais do ensino fundamental para os anos finais do ensino fundamental, o sentimento revelado é de medo dos novos professores, das novas disciplinas, da quantidade de trabalhos e provas”.

O desenho de 5A2 também apresenta a expectativa de um sexto ano difícil:

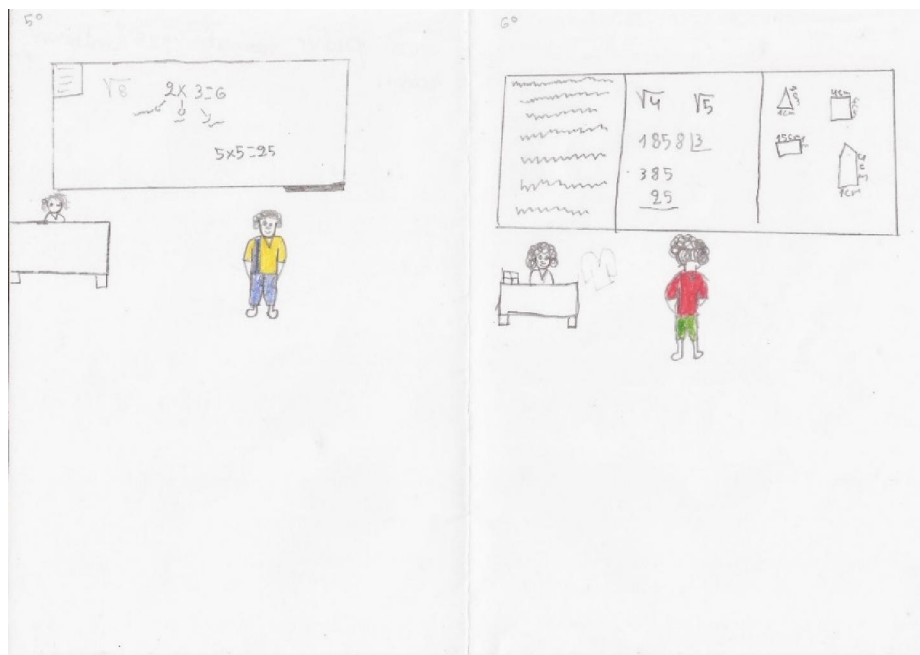


Figura 3 – Desenho de 5A2

Fonte: os autores

O desenho apresentado por 5A2 mostra a mesa da professora, ela sentada e o estudante saindo do quadro com um leve sorriso, após ter respondido uma situação matemática. O quadro apresenta uma aula de matemática com algumas anotações sobre explicação da multiplicação e a conta respondida, “ $5 \times 5 = 25$ ”. Já no espaço referente ao sexto ano apresenta, da mesma forma, a mesa da professora com uma pilha de coisas a mais e o quadro dividido em três partes, sendo a primeira cheia de escritas, a segunda parte com contas sem resultados e, a terceira, com figuras geométricas com algumas medidas. O estudante está olhando para o quadro, aparentemente para resolver as contas que estão apresentadas com números maiores que no quinto ano, mas nenhum resultado está apresentado. É possível que o desenho denote a expectativa de 5A2 em relação aos conteúdos matemáticos que estudará no sexto ano, “mais difíceis” em relação ao quinto e para os quais pode ter dificuldades em dar respostas.

Outro receio em relação ao sexto ano, diz respeito ao comportamento dos professores.

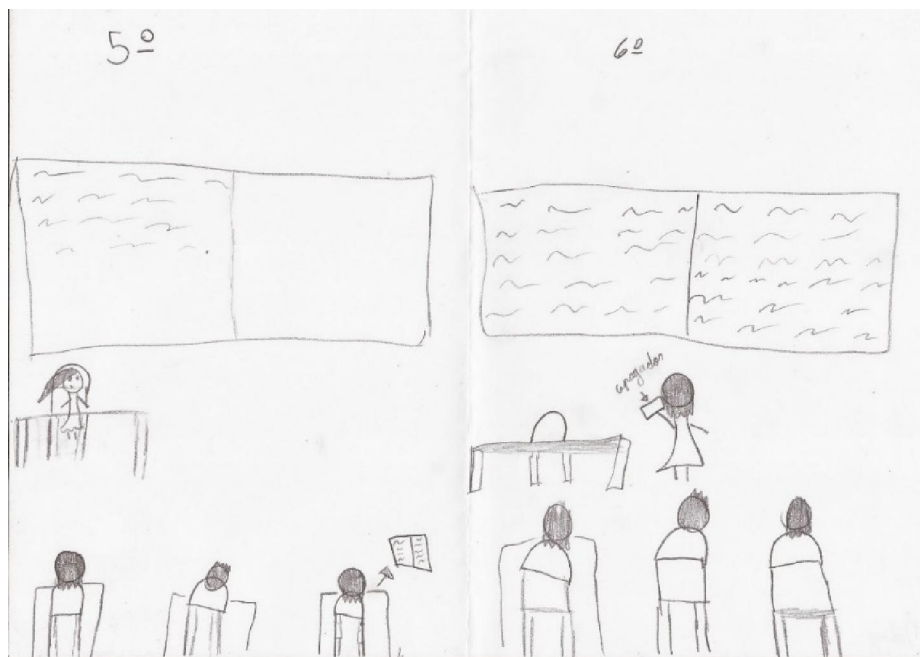


Figura 4 – Desenho de 5A3

Fonte: os autores

As representações do quinto e do sexto ano no desenho de 5A3 são bem parecidas, tanto no que diz respeito aos alunos, ao comportamento destes, ou ainda, à organização do espaço escolar. No entanto, se difere fortemente quando se trata da prática. Isso porque no quinto ano a professora se apresenta sentada à frente do quadro que apresenta alguns escritos e o estudante deixa claro que está copiando, com o uso de uma flecha saindo de uma das carteiras apontando para um caderno com registros escritos também. Já no sexto ano a professora está de pé de frente para o quadro cheio de informações com um apagador na mão. 5A3 enfatiza o apagador, como quem chama a atenção para o fato de que a docente vai apagar o quadro para passar mais conteúdo quando os alunos nem copiaram a primeira parte ainda. Essa produção denota a ideia de que “lá no sexto ano, o professor não espera o aluno copiar, apaga a lousa e por isso os alunos precisam ficar atentos”.

A quantidade de tarefas e conteúdos também é preocupação dos alunos. O desenho feito por 5A4 é um exemplo.

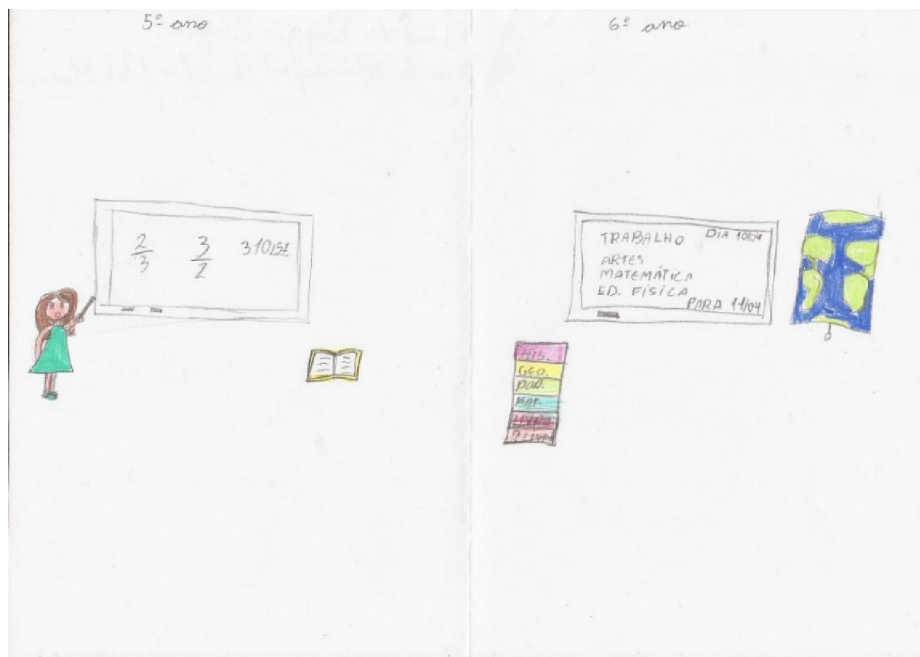


Figura 5 – Desenho de 5A4

Fonte: os autores

Para o quinto ano o estudante 5A4 apresenta a professora com algo na mão apontando para o quadro que possui duas frações escritas e uma conta de divisão, como se a professora estivesse explicando aos alunos o conteúdo de frações. Ao lado do quadro ainda há um caderno aberto com coisas escritas. Já no sexto ano o estudante traz uma pilha de seis livros de diversas matérias e o quadro indica trabalhos a serem feitos. Se repararmos, a data da aula representada no quadro é 10/04, enquanto os trabalhos das disciplinas de artes, matemática e educação física, são para o dia 11/04. Ao lado do quadro também há um mapa.

A Figura 5 apresenta, portanto, a expectativa de que no sexto ano os estudantes terão muitos conteúdos para estudar e muitas tarefas para realizar. Denota, assim, a ansiedade e angústia dos alunos do quinto ano com a ideia de não darem conta de realizar todas essas atividades.

Quando se trata da transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental, normalmente os estudantes são avisados diariamente por seu professor regente do 5º ano que terão vários professores no 6º ano, que cada aula terá a duração de 50 minutos, que no momento são os maiores, mas na outra escola serão os menores, enfim mesmo que de forma inconsciente, uma intervenção negativa por parte do educador pode desencadear uma aversão a nova etapa escolar (PAULA et al., 2018, p. 39).

Seguindo a ideia de Paula et al. (2018), complementamos que, em muitos momentos, para tentar chamar a atenção da turma, pode surgir a fala do professor com ideias de que o

estudante precisa se esforçar mais, pois no sexto ano será mais difícil e com muito mais conteúdo, impactando em expectativas como as apresentadas pelos alunos nos desenhos.

Barzotto (2013) entende que a ênfase que se dá nessa transição para os alunos, no dia a dia da sala de aula, é desnecessária. Isso porque sabemos que ocorrem as mudanças, mas não precisamos relembrar os estudantes, que podem construir pré-conceitos diante do que manifestam a família e a comunidade escolar. Segundo o autor, frente a sinais de não adaptação, aí sim deve ocorrer uma intervenção, mas de forma natural, sem enfatizar que o estudante terá problemas no novo nível escolar.

Scandelari (2008), por sua vez, considera que os estudantes do quinto ano necessitam de um tratamento diferenciado e que os professores precisam avaliar seus métodos pedagógicos constantemente para que estejam o mais próximo da realidade desses alunos, da faixa etária e das mudanças que implicam na obtenção do conhecimento.

De todo modo, embora todo aluno devesse ter um tratamento especializado por parte do docente, focado em suas habilidades e necessidades, o tratamento diferenciado de que trata Scandelari (2008) retrata esse momento de tensão e ansiedade que vivem, por vezes, os alunos que darão continuidade aos seus estudos no sexto ano. No entanto, consideramos que a mesma atenção deva se dar no sexto ano, momento escolar em que os impactos da transição se mostram mais evidentes.

Em relação ao sexto ano, trazemos dois dos desenhos produzidos pelos estudantes, 6A2 e 6A3, em que eles buscaram representar suas impressões sobre as vivências que tiveram no quinto e no sexto ano. Desse modo, entendemos que os alunos produziram comparações entre suas aulas no quinto e no sexto, ao menos nos aspectos que mais os marcaram.



Figura 6 – Desenho de 6A2

Fonte: os autores

A análise deste desenho de um estudante de sexto ano, apresenta as vivências/lembranças do quinto ano. No caso específico, trata de uma aula em que assistiram ao filme “A era do gelo”; cada estudante apresenta comida e bebida sobre suas mesas, aparentemente uma comemoração, enquanto no sexto ano apresenta o quadro com operações montadas e efetuadas, apresenta a sala com carteiras identificadas, repetindo apenas dois dos nomes apresentados no quinto ano. É possível que o desenho denote a impressão de que as atividades no quinto ano eram mais lúdicas, com momentos de descontração, e no sexto as atividades são mais tradicionais. Destacamos que no caso do sexto ano, as operações que aparecem no quadro condizem com o que é de fato realizado no nível escolar, diferente dos números “grandes” e tarefas requeridas nos desenhos feitos por estudantes do quinto ano em relação às suas expectativas de atividades no sexto. Além disso, as operações estão resolvidas, denotando que o aluno sabe lidar com as operações. Ao se pensar sobre apenas os dois nomes repetidos, vemos a mudança de colegas, podendo apenas os dois terem vindo da mesma turma do quinto ano.

Apresentamos o desenho de 6A2, justamente para complementar o desenho de seu colega de sala e talvez entender sua vivência do quinto ano (Figura 7).



Figura 7 – Desenho de 6A3

Fonte: os autores

Trazemos o desenho de dois estudantes da mesma sala para compreender o que tem acontecido e sentimentos que os alunos aparentam ter. No espaço do quinto ano apresenta um quadro vermelho e verde, que seria o local onde está sendo projetado o filme e a mesa com comes e bebes com as comidas e bebidas trazidas pelos alunos, e com estudantes sorrindo. Assim como no desenho de 6A2, vemos que no quinto ano, assistir filme é um momento que o deixa feliz. Em contrapartida, no espaço do sexto ano apresenta dois estudantes com semblante triste nas carteiras e um livro escrito em sua capa “contas e multiplicação”. Comparando com o desenho de 6A2, consideramos que as produções podem compartilhar o mesmo sentimento.

Apresentamos um desenho que vem na contramão dos demais produzidos pelos estudantes do sexto ano.

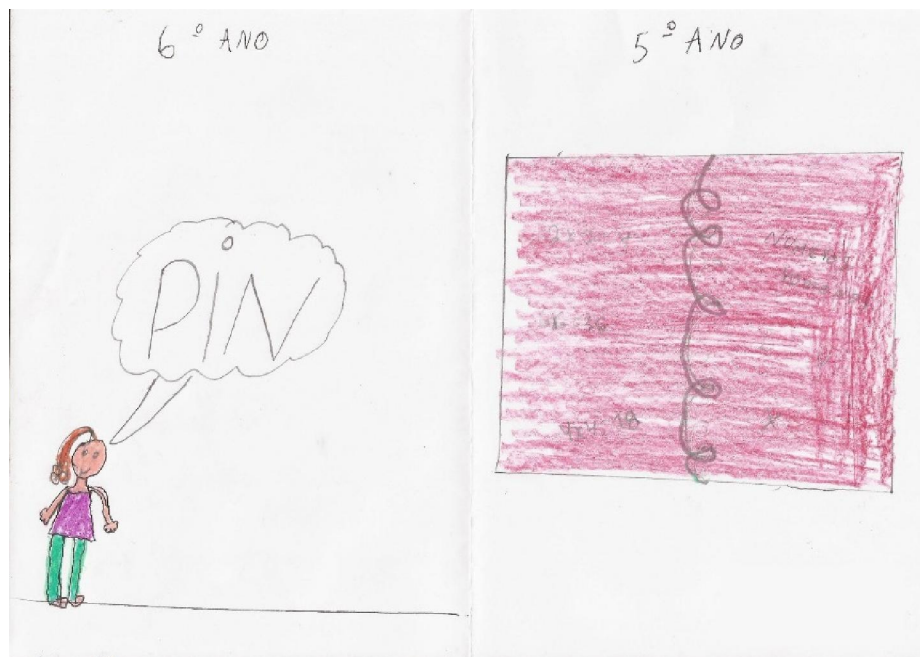


Figura 8 – Desenho de 6A4

Fonte: os autores

No quinto ano o estudante traz um caderno que está pintado com uma cor forte de modo que não apresenta cuidados com a pintura e apresenta algumas anotações, de um lado contas de multiplicação em do outro, alguns números romanos, já no sexto ano apresenta a aluna sorrindo falando “PIN”, sendo esse um jogo conhecido entre os alunos, que trabalha com o pensamento rápido de múltiplos. Portanto, essa produção denota o sexto ano como um lugar em que os alunos vivenciam práticas lúdicas.

Como apresenta a Figura 8, alguns alunos conseguem se adaptar tanto ao ambiente quanto às pessoas de forma a se sentirem mais acolhidos do que no quinto ano, que na maioria dos casos é um lugar de maior conforto para os alunos devido a presença de seus amigos desde o primeiro ano e a afetividade com o professor.

CONCLUSÕES E RESULTADOS

Os desenhos evidenciam características presentes na transição do quinto para o sexto ano na perspectiva dos alunos. Mesmo que apresente bom desempenho no quinto ano, diariamente o aluno do quinto é avisado das dificuldades que poderá encontrar na série seguinte. Há uma cultura em sala de aula que, na tentativa de preservar os alunos e prepará-los, apresenta possíveis dificuldades antecipadamente aos estudantes, causando alguma ansiedade e medo.

Quando um estudante possui um bom desempenho no quinto ano, se esforça, não deixa de realizar as atividades solicitadas e, ainda assim, a comunidade apresenta falas que fazem o

estudante entender que o sexto ano é complicado, como a quantidade de atividades, mais conteúdos que o que já vem estudando, pode dar margem para o entendimento de que o que fazem no momento não é importante ou não é nada comparado ao sexto ano.

Com a vivência dos alunos do sexto ano, podemos ver realmente a diferença entre os anos tratados na transição. Com visões interdisciplinares e dinâmicas no quinto ano, os estudantes apresentam sorrisos e no sexto ano, trazem contas a resolver e uma certa tristeza, como se em um passo de mágica os estudantes que são crianças deixassem de ser para agora serem jovens que precisam enfrentar aulas “mais sérias”.

As impressões dos alunos do sexto ano se assemelham e convergem para as expectativas dos estudantes do quinto ano, o que suscita a existência de uma cultura de entendimento dessa transição, que influencia modos de pensar o tema. Assim, cabe à comunidade escolar se atentar para esse cenário.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Kimberly, C. A Transição dos Anos Iniciais Para os Anos Finais do Ensino Fundamental: O que diz a produção nacional, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1316/1/AGUIRRE.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

AUGUSTO, Silvana de O. **Ver depois de olhar - A formação do olhar do professor para os desenhos das crianças**. Referências para olhar o desenho de crianças, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01092009-152645/pt-br.php>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

BARBOSA-LIMA, Maria. C. CARVALHO, Anna. M. P. O desenho como instrumento de avaliação da construção do conhecimento físico, 2008. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART4_Vol7_N2.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Editora Edições 70/Persona, 1977. 230 p.

BARZOTTO, Valdir Heitor. Fases de transição escolar: saiba como orientar seus filhos. Em Dia Revista, 2013. São Paulo. Disponível em: <<http://www.revistaemdia.com.br/net/fases-de-transicao-escolar-saiba-como-orientar-seus-filhos/>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

CUNHA, Andréia C. MARTINEZ, Flavia W. M. Transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental: A relação entre professores e alunos, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_uenp_andreiacristinadacunha.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F. **Passagem sem rito: as 5ªs séries e seus professores**. Campinas-SP. Papyrus - Série Pedagógica, 1997.

FERREIRA, S. 2001. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. 2ª ed., Campinas, Papirus, 111 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra S/A., 2011.

NATIVIDADE, Michelle R. *et al.* Desenho na pesquisa com crianças: Análise na perspectiva histórico-cultural, 2008. Disponível em:
<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v1n1/v1n1a02.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

PAULA, Andreia P. *et al.* Transição do 5º para o 6º ano no Ensino Fundamental: Processo educacional de reflexão e debate, 2018. Disponível em:
<<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/v8/v8-artigo-3-TRANSICAO-DO-5-PARA-O-6-ANO-NO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SCANDELARI, Marcia. N. Reflexões em torno do processo da passagem dos alunos da 4ª para a 5ª série do ensino fundamental. Produção Didático – Pedagógica Unidade Temática, Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1754-8.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

VYGOTSKI, L.S. 1991. **A formação social da mente**. 4ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 168 p.

3 ARTIGO II

QUANDO PROFESSORES ANALISAM OS DESENHOS DE SEUS ALUNOS: OLHARES PARA AS EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO À TRANSIÇÃO DO QUINTO PARA O SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Daiane Maria Seibert¹

Rodolfo Eduardo Vertuan²

Resumo

Este trabalho se desenvolve a partir da observação do contexto escolar, especialmente do quinto ano do Ensino Fundamental, no que diz respeito às expectativas dos alunos em relação ao desconhecido: o sexto ano do Ensino Fundamental. Diferentes aspectos impactam essa transição do quinto para o sexto ano e por isso encontra-se algumas pesquisas na literatura que discutem algum destes aspectos da transição. Neste trabalho apresentamos parte dos resultados da pesquisa realizada sobre essa transição. Nos dedicamos, especificamente, para os olhares dos professores desses alunos acerca de suas expectativas, manifestadas em forma de desenhos. Neste sentido, discutimos tanto o que o desenho pode significar às crianças e o que eles expressam, quanto o que autores da literatura afirmam sobre a transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Da reflexão dos professores podemos destacar, por exemplo, que muitos dos desenhos dos alunos, e conseqüentemente suas expectativas em relação ao sexto ano, refletem as práticas e discursos dos próprios docentes em sala de aula.

Palavras-chave: Transição escolar; 5º para o 6º ano; Ensino Fundamental; Análise de desenhos; Reflexão prática docente.

1. Introdução

Este trabalho se insere em um projeto que busca investigar diferentes aspectos do processo de transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental, principalmente, no âmbito do ensino de matemática. Desenvolvendo a pesquisa sobre a transição dos alunos do quinto para o sexto ano, a partir da coleta de dados, pudemos perceber um comportamento dentro de sala de aula que, por muitas vezes, se repetia e acabava afetando muitos alunos, principalmente no final do ano letivo: as expectativas em relação ao sexto ano, à nova escola, aos vários professores, aos novos amigos de turma, enfim, em relação ao desconhecido e às ideias construídas, formalmente ou não, sobre esse desconhecido.

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Câmpus Toledo, daiane-seibert1@hotmail.com

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Câmpus Toledo, rodolfovertuan@yahoo.com.br

Como parte desse projeto, realizado no espaço escolar de cinco escolas parceiras, também há uma ação envolvendo a formação continuada dos professores interessados em discutir a transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Com início no primeiro semestre de 2019 e os encontros realizados de três em três semanas as segundas-feiras, na universidade, a ação congrega professores da esfera municipal e estadual, pedagogos e direção escolar, que buscam discutir desde conteúdos matemáticos e questões de aprendizagem, quanto a prática docente neste período da Educação Básica, denominado assim “Grupo de Segunda”. Neste trabalho, todavia, temos como intenção discutir: *“o que emergem das reflexões dos professores de quintos e sextos anos do Ensino Fundamental quando analisam desenhos de alunos de suas escolas acerca das expectativas que tem em relação ao sexto ano?”*.

Para isso, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, seguidos de uma fundamentação teórica sobre desenho e transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Em seguida, apresentamos algumas produções de alunos e as respectivas reflexões dos professores ao analisarem os desenhos.

2. Aspectos Metodológicos

A primeira coleta de dados aconteceu nos dois últimos meses de aula de 2018, envolvendo duas escolas públicas de uma cidade do oeste do Paraná. Uma das escolas é considerada de periferia e a outra considerada central. Os alunos cujas produções são analisadas neste texto são ambos de quintos anos, onde anteriormente já estivemos em contato com a turma em outras atividades da disciplina de matemática. A coleta foi feita em dois momentos contínuos e integrados: entrevistas em forma de diálogo não formal com grupos de alunos, gravadas e filmadas e; produção de desenhos individuais sobre as expectativas dos alunos em relação ao sexto ano.

Neste último caso, cada aluno foi convidado a desenhar em meia folha sulfite como foi o quinto ano que vivenciaram, e na outra metade, o que ele esperava do sexto ano para o qual seguiria. Para que não houvesse distinção na fala e para que desse o menor desentendimento possível, utilizamos uma fala programada: “Nessa folha sulfite, queremos que vocês façam dois desenhos: na primeira metade, como foi estudar no quinto ano, e na segunda metade, como vocês acham que vai ser estudar no sexto ano”.

As produções dos alunos, por sua vez, possibilitaram o segundo momento de coleta de dados, dessa vez, realizada com os professores desses alunos participantes de um grupo de

estudos intitulado “Grupo de Segunda” (devido aos encontros serem realizados nas segundas-feiras à noite), sendo este um grupo de estudos com professores que ensinam Matemática nos quintos e sextos anos do Ensino Fundamental atuantes das escolas parceiras da pesquisa, bem como demais interessados pela transição do quinto para o sexto ano destas escolas, são convidados a participar de discussões sobre a transição juntamente com os professores da universidade envolvidos no projeto.

Das produções dos alunos, foram selecionados previamente alguns desenhos de cada escola, considerando diferentes aspectos manifestados pelos alunos. Durante o encontro do “Grupo de Segunda” os desenhos foram apresentados aos professores e debatidos um a um, sendo a conversa gravada com consentimento dos docentes.

Nosso objetivo com a discussão era investigarmos como os professores manifestam entender as produções dos alunos, suas expectativas em relação ao sexto ano, próxima fase de suas vidas. Isso poderia contribuir na compreensão do processo de transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental, momento de rupturas, dificuldades e estranhamento para os envolvidos no processo. Nesse trabalho, é sobre essa segunda coleta de dados que incide nosso interesse de pesquisa.

3. Acerca do Desenho

O desenho é presente na vida das crianças desde muito pequenas, evoluindo dos rabiscos até alcançarem desenhos elaborados. Muitas vezes essas representações passam despercebidas devido a correria do dia a dia, ou por ainda não terem significado para seus pais e/ou professores. Vigotsky (1989), quando discute a interpretação de desenhos na infância, afirma que os desenhos são utilizados pelas crianças devido à necessidade de expressar seus pensamentos, principalmente quando ainda não conseguem fazer isso de forma escrita ou até mesmo verbal. Todavia, conforme vão se desenvolvendo e aprimorando suas expressões, há um decaimento da utilização de desenhos, devido a sua necessidade ser suprida pela escrita.

Vigotsky (1989) afirma, também, que as representações das crianças são sobre o que elas sabem dos objetos e situações. Seus conhecimentos ou suas interpretações incidem sobre o que veem e não exatamente sobre o que é tal objeto e situação. Portanto, suas manifestações devem ser entendidas como produções constituídas de interpretações, sendo, portanto, produções subjetivas. Nesta mesma linha, Ferreira (2001, p. 35) considera que “Os significados das figurações do desenho da criança são culturais e produto das suas experiências com os

objetos reais, mediadas pela palavra e pela interação com o ‘outro’”. Corroborando com Ferreira (2001), Salles (2007, p. 35) explica essa ideia como a criação de um mapa:

O desenho [...] abarca formas de representação visual de um pensamento, isto é, estamos falando de diagramas, em termos bastante amplos, como desenhos de um pensamento, uma concepção visual ou um pensamento esboçado. Não é um mapa do que foi encontrado, mas um mapa confeccionado para encontrar alguma coisa. E os encontros, normalmente, acontecem em meio a buscas intensas. Os desenhos, desse modo, são formas de visualização de uma possível organização de ideias, pois guardam conexões, como, por exemplo, hierarquizações, subordinações, coordenações, deslocamentos, oposições e ações mútuas (SALLES, 2007, p. 35).

Para Luquet (1969) o desenho pode ser um modo próprio para a criança compreender o que está a sua volta, fazer registros e informar as suas ideias, por meio de uma vontade de expressar seu olhar, da percepção, da memória, coordenados pelo pensamento que se manifesta a partir da necessidade. O que o desenho quer significar não acaba quando a criança termina de desenhar. Na mente da criança ele está em constante construção, comandado pela intenção e a interpretação de sua realidade, o que pode denotar que a produção de um desenho, para além de externar modos de entender situações e objetos, também contribuem para a reconstrução/reestruturação desses modos de entender.

Acaba sendo uma grande vantagem para as crianças, utilizar de desenhos para expressar o que sentem, suas ideias, desejos e sua forma de percepção da realidade do seu meio (FERREIRA, 2001).

Aos educadores que percebem a necessidade das crianças se expressarem por meio de desenhos, surge a necessidade de buscar compreender tais manifestações de modo a realizar intervenções adequadas, quando for o caso. Os professores podem começar a estabelecer hipóteses para as representações das crianças de forma a buscar entender o que ela “pode estar querendo dizer”, ideias que possam solucionar problemas ou apenas apresentar entendimentos dos sujeitos sobre situações variadas.

4. Acerca da Transição do Quinto para o Sexto ano do Ensino Fundamental

O objetivo maior da pesquisa é compreender o fenômeno da transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental, em algumas de suas variáveis. A partir de 2006, com a lei 11.274 que trouxe a duração aumentada em um ano do Ensino Fundamental, o ensino passou a ser de nove anos. Anteriormente utilizava-se as denominações de quarta e quinta série para os

atuais quintos e sextos anos respectivamente, ou ainda, no dia a dia dos familiares, até a quarta série denominavam “primário” e, após, “ginásio”.

Essa passagem tem se apresentada turbulenta já há algumas décadas, apresentando diversas dificuldades dos envolvidos e, por vezes, alguns fracassos no que tange à aprendizagem dos alunos. Autores como Dias-da-Silva (1997) discutem as mudanças que ocorrem no ambiente escolar e na vida das crianças como fatores que implicam diretamente no fracasso da transição, além da questão da estrutura da organização pedagógica (onde os alunos passam a ter diversos professores especialistas ao invés de um professor polivalente), da organização curricular, das abordagens pedagógicas, do rompimento do afetivo entre o professor e aluno do quinto ano, dentre outros.

Devido ao fato de o professor do quinto ano passar o ano todo, todos os dias, com os alunos, é difícil encontrar algum professor que não tenha vínculos afetivos com os mesmos, o que é de suma importância para o desenvolvimento da criança. Segundo Aguirre (2017), a sintonia, as relações afetivas e cooperativas, a solidariedade, a tolerância, a demonstração de respeito e de apoio por parte do professor ajudam os alunos a superarem dificuldades escolares. O mesmo não acontece, necessariamente, no sexto ano, já que os alunos possuem vários professores e estes, atuam em diferentes turmas, o que, todavia, não significa que não haja afetividade neste nível de ensino.

Dias-da-Silva (1997, p. 126) traz essa transição como uma “passagem sem ponte”, onde os alunos apenas receberam avisos e há uma despreparação tanto da parte do aluno quanto do professor, “passagem que se desnuda nos diferentes saberes e fazeres implicados no cotidiano de professoras “primárias” e “secundárias”. Passagem sem ponte. Mais ruptura que continuidade...”.

Conforme a entrada no sexto ano vai se aproximando dos alunos, percebemos uma maior cobrança dos professores do quinto, além de avisos sobre as dificuldades do próximo ano, que é difícil dar conta dos conteúdos e dos trabalhos se não se esforçarem mais. Além das especificidades do sexto ano, há ainda o que conhecem via familiares e amigos, com professores, sobre a quantidade de conteúdos, os inúmeros trabalhos, e ainda, sobre como devem ser suas atitudes no novo ambiente escolar.

Avisos desta forma, vindo de pessoas que tem uma boa afetividade, podem piorar o modo com que o aluno se apropria desses entendimentos. Aguirre (2017) afirmam que os

sentimentos negativos interferem desfavoravelmente e comprometem o processo de aprendizagem das crianças com dificuldade.

Já em relação aos professores do sexto ano, as principais reclamações são da indisciplina dos alunos oriundos do quinto, o que desencadeia atitudes disciplinadoras no início das aulas para conseguirem acalmar os alunos; além da defasagem de conteúdos. Dias-da-Silva (1997, p. 13) atenta que, neste nível de ensino, o diálogo se torna escasso devido a necessidade de se passar o conteúdo, e se alastra o problema quando a comunicação entre professores também não ocorre, onde cada professor cobra algo dos alunos e cada um de uma forma diferente, causando confusão. Tudo isso coordenado com a falta de afeto, tem deixado essa ruptura acontecer por décadas. Neste contexto, o autor destaca quatro aspectos na ruptura do quinto para o sexto ano: a comunicação, as exigências, a afetividade e a diferença pedagógica entre professores.

Diante da importância de se discutir a transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental, bem como considerando a pertinência do desenho como recurso para provocar reflexões de professores acerca desse fenômeno, é que na próxima seção apresentamos os dados selecionados para este artigo e tecemos considerações acerca das manifestações dos docentes.

5. Descrição e Análise dos Dados

Os desenhos produzidos pelos alunos foram apresentados aos professores e estes, ao conversarem sobre o que viam, interpretavam as imagens e refletiam sobre cada uma. Nesta seção, portanto, apresentamos algumas das produções, bem como algumas das reflexões realizadas pelos docentes acerca dos desenhos mais comentados.

Denotaremos as escolas do Ensino Fundamental 1, como: Escola A e Escola B. Aos professores destas: P(numeral) (A ou B), onde P é de professor, o numeral denomina cada professor e A ou B denomina a escola. Para os alunos segue a letra indicativa da escola e um numeral. Já para o Ensino Fundamental 2³, demos a denominação ao colégio de X, onde segue o mesmo para os professores, e aos professores universitários utilizamos a letra R, seguida de um numeral para identificar cada um.

Tomemos a Figura 1, desenho feito pela aluna A1 - Escola A.

³ Embora neste trabalho, apresentemos algumas produções de alunos do EF1, utilizamos a denominação A e B ao EF1, e X para o EF2, devido à professores destas escolas participarem do Grupo de Segunda e, conseqüentemente, de alguma discussão apresentada aqui.



Figura 1 – Desenho de aluna A1.

A discussão sobre este desenho se deu inicialmente sobre os nomes presentes nas carteiras da turma do quinto ano e nas carteiras do sexto ano estarem todas com “aluna” ou “aluno”, o que pode nos dizer que o desconhecido estará presente no sexto ano.

O desenho representando o quinto ano traz a carteira da professora com o nome da mesma, que pode significar a afetividade que a aluna tem com a professora, no sexto ano ela não deixa de apresentar o mesmo, mas como não sabe quem será sua professora de matemática, sinaliza apenas com “professora”, podendo perceber a vontade de vínculo com a mesma.

Em um trecho da gravação realizada com os professores, aparece a preocupação em saber se o aluno sabe com quem vai estudar:

R1: “Os alunos que vêm da Escola A eles podem ficar na mesma turma, tem esse cuidado ou eles misturam tudo?”

P1A: “É porque aqui da Escola A eles vão para o Colégio X (Ensino Fundamental 2), só que eles já sabem que no Colégio X vai encontrar alunos também da Escola C, então não tem como eles saberem quem serão, porque eles sabem que muitos irão trocar de escola, se não eles poderiam só transcrever. E olha o nome da professora, a proximidade né, a Fulana que é a professora regente e aqui a professora, porque eles não sabem quem é ainda”.

Podemos perceber que não há a intenção em se manter a composição das turmas do quinto ano também no sexto. No caso desta aluna, todavia, o uso de corações entre as carteiras

mostra a vontade e expectativa de estabelecer novas amizades. Trata-se, portanto, de uma expectativa carregada de otimismo.

Tomando o segundo desenho comentado feito por A2 que possui as maiores notas do quinto ano, segundo a professora, e diferente do que se imaginaria, a tristeza está presente em sua expectativa para o sexto ano.

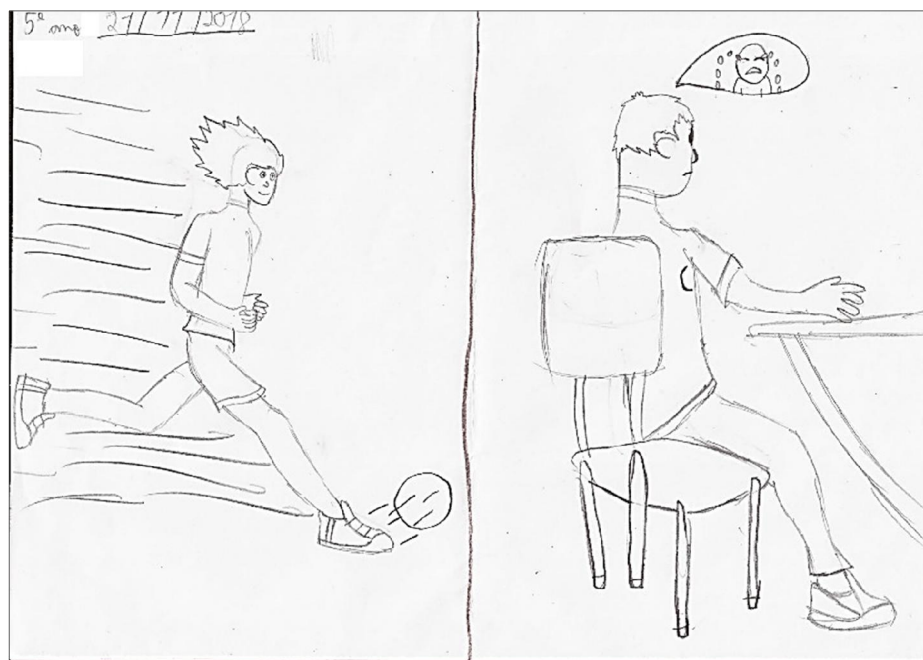


Figura 2 – Desenho de A2.

P1A: Esse aqui é muito interessante, olha, chorando com medo, então aqui jogava bola, tava feliz e lá, olha o medo, o medo do novo, que vai ficar sentado só estudando né, que vai ser diferente.

A representação do quinto ano vem acompanhada de uma fala do aluno durante o desenho “olha o cabelo é do Goku”. Goku é um personagem de desenho animado que possui força sobre-humana. Pode ser que ele se compare com um super-herói, quando na sua representação sobre o sexto ano ele já não tem o mesmo cabelo, continua forte porque não chora, mas se imagina chorando, triste.

Com pensamento semelhante temos o desenho de outra aluna, cuja representação é de uma aluna de notas altas no quinto ano e que, já no sexto, não apresenta o mesmo rendimento, se cobrando mais. Tomemos a Figura 3, desenho feito pela aluna B1.

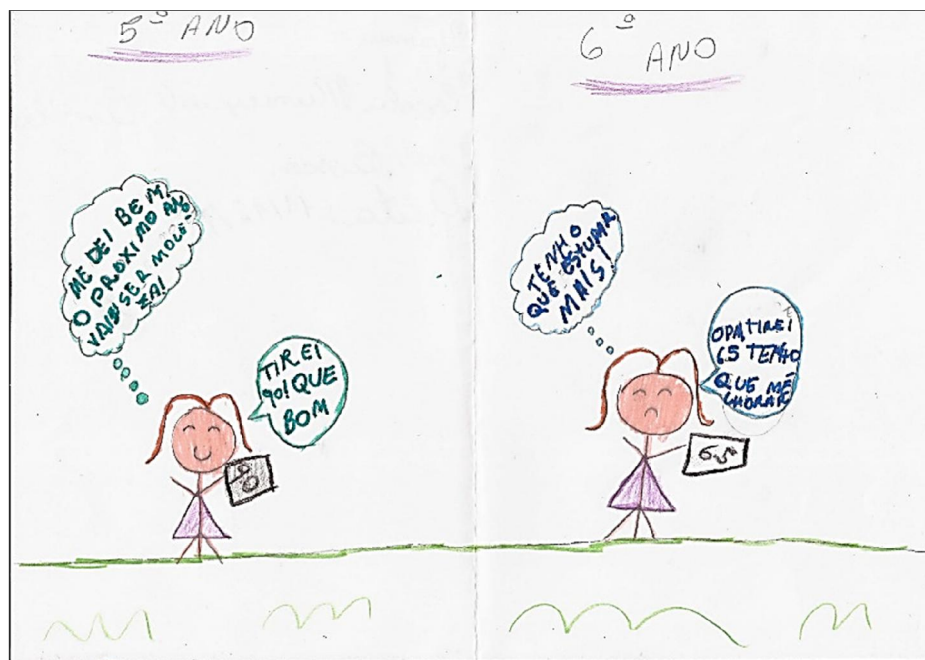


Figura 3 – Desenho de B1.

A seguir a fala interpretativa do desenho:

P1A: *Até por conta da nossa fala, eu acho que a nossa fala no quinto ano a gente tem isso de colocar “Olha vocês vão pro sexto, lá é mais difícil, então se esforcem agora no quinto, para que vocês vão melhor para o sexto, é momento de vocês...”*

P1X: *Esse é o papo*

P2A: *“Estamos preparando vocês”*

P1A: *Então eles tão preparados, poxa agora eu tiro nota boa, mas lá eu não vou conseguir*

P1A: *Só que a gente enquanto mãe, ai é outro discurso né, olha só enquanto mãe, meu discurso pra minha filha do quinto que foi para o sexto é que: “Não, vai ser tranquilo, que vai se adaptar, que os professores dão um período de tempo pra se adaptar”*

R2: *E talvez eles acabem pensando que é menos sério o que eles fazem no quinto do que eles fazem no sexto, e é tão sério quanto.*

Neste momento os professores regentes da turma de quinto ano percebem que suas falas estão causando medo nos alunos, trazendo a insegurança à tona, fazendo os alunos se

preocuparem antecipadamente, agravando as dificuldades já presentes na transição. Segundo Paula et al. (2018, p. 7)

Quando se trata da transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental, normalmente os estudantes são avisados diariamente por seu professor regente do 5º ano que terão vários professores no 6º ano, que cada aula terá a duração de 50 minutos, que no momento são os maiores, mas na outra escola serão os menores, enfim, mesmo que de forma inconsciente, uma intervenção negativa por parte do educador pode desencadear uma aversão à nova etapa escolar que será iniciada na outra escola.

O quarto desenho analisado de A3, corrobora com o que Dias-da-Silva (1997) atenta no processo de transição, a questão da afetividade e a quantidade de conteúdos a serem trabalhados.

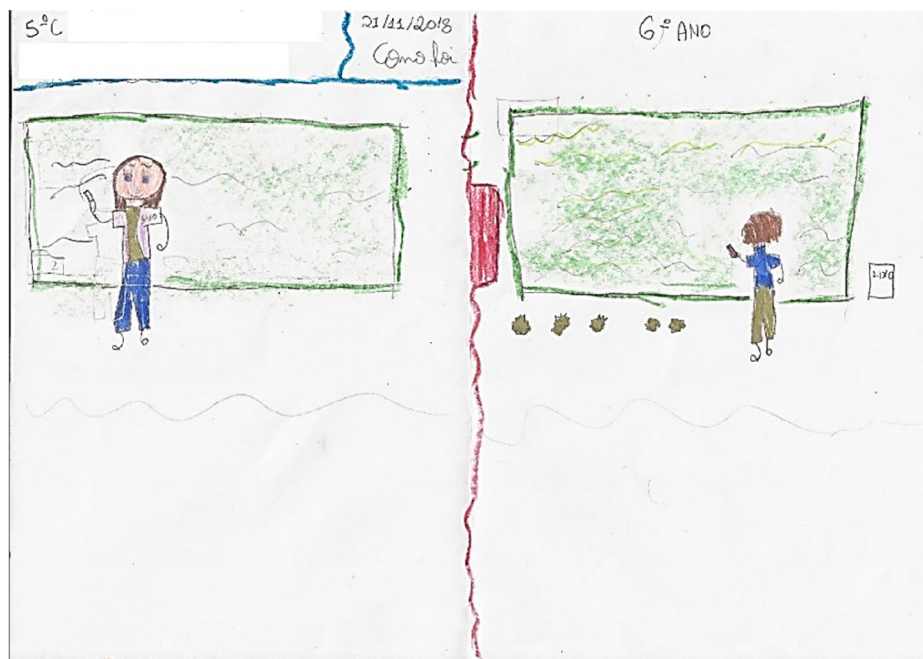


Figura 4 – Desenho de A3.

P1A: *O sexto ano não são como nós, eles jogam o lixo no chão, não jogam na lixeira, nossa sala é organizada, a deles né...* [fala da professora simulando o que pode ter pensado o aluno que produziu o desenho]

P2A: *O vínculo, a afetividade que a criança desenvolve com a professora do quinto ano que já não vai mais conseguir ter no sexto.*

Estas falas são uma posterior à outra e reflete o que se tem visto durante o passar do tempo. Inferimos que o fato de apresentar lixo no chão vem da ideia de “indisciplina” dos alunos. Em contrapartida, a falta de interesse do professor em relação aos alunos e a

preocupação em “dar o conteúdo” também figuram no desenho, que denota a expectativa de professores menos próximos e de alunos mais indisciplinados.

Finalmente, outra ideia presente nos desenhos das crianças que diz acerca da diferença do sexto ano para o quinto, está relacionado com a quantidade de tarefas.



Figura 5 – Desenho de B2

A representação do quinto ano evidencia a data programada para a tarefa, passada no quadro, já no sexto ano o “prof”, feliz, diz que “hoje terá 10 tarefas”. Reparem o fato do professor estar feliz, como se fosse uma coisa agradável para solicitar dos alunos. Essa “ironia” vem acompanhada com o número exorbitante de 10 tarefas. O que o sorriso do professor ainda pode sugerir é que o mesmo não será tão “parceiro” dos alunos.

P1A: *É que a gente diz assim, no quinto ano a gente escreve certinho...*

P2X: *manda copiar na agenda*

P1A: *... que ano que vem todo mundo tem que ser independente, que tem que saber das coisas e ir atrás do que precisa fazer, que ninguém vai ficar ali: “vamo”*

R2: *Essa mudança que está acontecendo nas escolas do quinto ano é importante por isso, que quando era um professor só, ele dava uma tarefa só e chega no sexto ano a vida vira uma bagunça, porque são, se for pensar, são muitas tarefas mas ele não lembra qual dia é qual, porque ele não vai fazer tudo de um dia pro outro, as vezes ele faz, ele tem que criar a prática de fazer tudo o que foi dado hoje pra daí no dia ...*

P2X: *a gente inclusive tem um agendamento de avaliações, trabalhos na parede*

R2: *pra eles poderem anotar...*

Segundo Paula *et al.* (2018, p. 16)

Acreditamos que um dos maiores problemas para os alunos nessa fase é a disposição necessária para lidar com a ampliação do número de professores e da grade curricular, das lições de casa, trabalhos, provas e também com a ampliação da quantidade de matérias a serem estudadas.

Essa reflexão parece ter desencadeado a discussão dos professores de que no sexto ano, os professores poderiam se organizar para pensar o processo de adaptação dos alunos inclusive em relação à quantidade de tarefas.

6. Considerações Finais

Durante toda a vida estamos sujeitos a transições significativas, pensando em âmbito escolar, desde começar a frequentar a escola, transição do pré-escolar ao primeiro ano do Ensino Fundamental, a transição do quinto para o sexto ano e do nono ano ao Ensino Médio.

Este estudo abarca desde as expectativas dos alunos do quinto para o sexto ano, quanto às reflexões dos professores sobre as expectativas de seus alunos e as influências destas reflexões nas próprias práticas. Neste texto, centramos nossa atenção nas reflexões dos professores sobre as expectativas de seus alunos do quinto ano sobre o que os espera no sexto ano do Ensino Fundamental. Todavia, a reflexão sobre a própria prática se deu devido às significativas representações negativas apresentadas pelos alunos de um sexto ano ao qual ainda não tiveram contato: como eles poderiam saber das “realidades” de algo que nunca vivenciaram?

Identificando as expectativas que emergem dos desenhos dos alunos sobre a transição os professores refletem sobre suas expectativas para o sexto ano, o que acarretou de conclusões que recaem sobre suas práticas, dentre delas a questão de alertar os alunos sobre o que para eles é desconhecido, e os mesmos interpretarem de forma a temerem o sexto ano. Também ocorre durante a análise o entendimento que não apenas o aluno está despreparado para o sexto ano, mas o professor também, não sabendo conduzir o aluno para tal mudança ou não sabendo lidar com os alunos que, ao chegarem no sexto ano, estão carregados de expectativas, nem sempre positivas.

Dado que todas as transições são para a maioria das crianças tensões, o que necessitamos fazer como educadores é tentar amenizar as dificuldades presentes. Na ingenuidade muitas vezes tentamos alertar os alunos sobre as dificuldades presentes no sexto ano, com falas sobre o próximo ano e as dificuldades que lá estão presentes, devido a necessidade que o professor sente em tentar motivar e proteger o aluno, como se fosse um aviso, sem perceber o modo como o aluno está interpretando tais informações. Trata-se, sim, de uma preocupação do docente, mas com efeitos, por vezes, diferentes daqueles imaginados pelo professor.

Faz-se importante tomar cuidado com falas que dão a entender que o aluno não é capaz, ou ainda que ele irá sofrer devido aos n fatores presentes na próxima fase de suas vidas. Não podemos deixar de lado o fato de a adolescência estar caminhando juntamente com a transição em foco, agravando ainda mais a tensão de descobertas e sentimentos. Scandelari (2008) acredita que os alunos de quinto ano necessitam de um atendimento diferenciado, sendo indispensável a reflexão dos métodos pedagógicos para que se aproximem ao máximo da futura realidade, podendo amenizar a ruptura que segundo Dias-da-Silva (1997) acontece. Segundo Paula et al. (2018, p. 16).

Verificamos que os estudantes não estão muito preparados para essas modificações e que os professores e as instituições também não estão prontos para fazer a transição e também para receber esses alunos. No 6º ano surgem muitas novidades e cobranças para os estudantes, em um período bastante turbulento que é visto sem muito tato pedagógico por parte dos professores e da escola. Também a falta de vínculo afetivo entre professor/aluno é outro assunto aparente no cotidiano escolar no 6º ano, onde o aluno se descobre em um novo momento e ambiente e precisa adaptar-se.

Segundo Dias-da-Silva (1997), os alunos e professores não estão preparados para lidar com tamanhos problemas que acontecem na transição. Percebemos que grupos como o “Grupo de Segunda” são muito valiosos para a reflexão contínua do professor, dada que se trata de conversas visando melhorar as práticas de sala de aula, realizando debates e trazendo as demandas da transição, para que se possa buscar uma solução, ou seja, considerando como ponto de partida das discussões, as situações do próprio chão da sala de aula. Faz-se importante a realização de pesquisas, a participação dos docentes em formações continuadas, bem como incentivo por parte do governo para que se ampliem as visões e necessidades de uma transição mais efetiva, compartilhada e profissionalizada.

7. Agradecimentos

Primeiramente agradecer a CNPq, por proporcionar o desenvolvimento científico e tecnológico. A Universidade Tecnológica Federal do Paraná pelo financiamento da Iniciação Científica e aos participantes do “Grupo de Segunda” que se dispuseram a participar e fazer parte da pesquisa.

8. Referências

AGUIRRE, Kimberly, C. A Transição dos Anos Iniciais Para os Anos Finais do Ensino Fundamental: O que diz a produção nacional, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1316/1/AGUIRRE.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

BARBOSA-LIMA, Maria. C. CARVALHO, Anna. M. P. O desenho como instrumento de avaliação da construção do conhecimento físico, 2008. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART4_Vol7_N2.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Editora Edições 70/Persona, 1977. 230 p.

BARZOTTO, Valdir Heitor. Fases de transição escolar: saiba como orientar seus filhos. Em Dia Revista, 2013. São Paulo. Disponível em: <<http://www.revistaemdia.com.br/net/fases-de-transicao-escolar-saiba-como-orientar-seus-filhos/>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

CUNHA, Andréia C. MARTINEZ, Flavia W. M. Transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental: A relação entre professores e alunos, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_uenp_andreiacristinadacunha.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F. **Passagem sem rito: as 5ªs séries e seus professores**. Campinas-SP. Papyrus - Série Pedagógica, 1997.

FERREIRA, S. 2001. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. 2ª ed., Campinas, Papyrus, 111 p.

LUQUET, Georges-Henri. **O desenho infantil**. 1969. Barcelos: Cia Editora do Minho.

NATIVIDADE, Michelle R. *et al.* Desenho na pesquisa com crianças: Análise na perspectiva histórico-cultural, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v1n1/v1n1a02.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

PAULA, Andreia P. *et al.* Transição do 5º para o 6º ano no Ensino Fundamental: Processo educacional de reflexão e debate, 2018. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/v8/v8-artigo-3-TRANSICAO-DO-5-PARA-O-6-ANO-NO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SALLES, C. A. In: DERDYK, E. (Org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SCANDELARI, Marcia. N. Reflexões em torno do processo da passagem dos alunos da 4ª para a 5ª série do ensino fundamental. Produção Didático – Pedagógica Unidade Temática, Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1754-8.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

VYGOTSKI, L.S. 1991. **A formação social da mente**. 4ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 168 p.

4 ARTIGO III

A TRANSIÇÃO DO QUINTO PARA O SEXTO ANO E O ENVOLVIMENTO FAMILIAR EM SUAS REALIDADES E EXPECTATIVAS

SEIBERT, Daiane. M.; VERTUAN, Rodolfo. E.

Resumo: Este trabalho se desenvolve a partir da análise de entrevistas, comparando as falas dos alunos do quinto com o sexto ano do Ensino Fundamental, no que diz respeito às expectativas em relação ao próximo ano escolar, o sexto ano. Os mais variados aspectos colaboram para que a transição do quinto para o sexto ano seja tensa. Neste trabalho, apresentamos parte da pesquisa realizada sobre a transição. Buscamos por meio de análise das falas, confirmar os aspectos que outros autores da transição já trazem a fim de extrapolá-los, se ainda hoje apresenta as mesmas dificuldades e buscar mais evidências nas falas em relação a expectativas e vivências. Neste sentido, discutimos suas falas tanto quanto ao que autores afirmam sobre a transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Das análises podemos destacar os impactos que a falta da presença familiar desencadeia nesse processo, a vontade de querer ser adulto por estar nos anos finais do ensino fundamental faz clamarem o colo perdido. Intervenções entre o quinto e sexto ano poderiam acontecer ao decorrer do ano letivo para uma troca de experiências.

Palavras-Chaves: Transição do 5º para o 6º ano; Educação Matemática; Análise de dados de entrevista; Família na vida escolar.

Introdução

O presente trabalho é parte do projeto: Da passagem do quinto para o sexto ano do ensino fundamental: uma investigação acerca da cultura escolar, dos processos de ensino e aprendizagem e das concepções docentes e discentes, que busca investigar diferentes aspectos que se sobressaem na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental, especialmente os relacionados à educação matemática. A pesquisa se desenha em diversos pontos, dadas as inferências realizadas a partir das falas dos alunos participantes de uma entrevista. Destacam-se diferentes sentimentos apresentados pelos alunos em relação às suas expectativas com o próximo ano escolar, no caso dos alunos do quinto ano, e como foi o sexto ano em comparação ao quinto, no caso dos alunos do sexto ano.

Fazem parte desse projeto cinco escolas parceiras, três municipais e duas estaduais de um município do interior do oeste do Paraná. As municipais apresentam os anos iniciais do ensino fundamental e as estaduais os anos finais do ensino fundamental, sendo estas localizadas e selecionadas de forma estratégica do ponto de vista de que normalmente os alunos ao terminarem sua passagem pela escola municipal ingressam nas estaduais presentes neste estudo.

Nos interessamos em *investigar o que dizem os alunos sobre suas expectativas ou suas experiências em relação ao processo de transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental.*

Para isso, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, seguidos de uma fundamentação teórica sobre a análise de dados e transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Na sequência, apresentamos alguns trechos e/ou falas de alunos e as respectivas reflexões sobre suas expectativas da transição e seus sentimentos no envolvimento familiar na vida escolar.

Procedimentos Metodológicos

A coleta de dados foi realizada em forma de entrevista nos últimos meses de aula de 2018, onde a mesma foi previamente pensada de forma a abranger diferentes assuntos e aspectos da transição do quinto para o sexto ano, buscando, assim, conhecer o fenômeno na perspectiva dos alunos, suas expectativas, vivências, ansiedades. Por ter sido realizada com quintos e sextos anos, a mesma foi adaptada para cada ano pesquisado.

Se por um lado as perguntas foram elaboradas previamente à entrevista, a coleta de dados não foi engessada e sim, se deu em modo de diálogo com os alunos, de modo a deixá-los mais à vontade com a nossa presença. Para facilitar o registro das entrevistas, as mesmas foram realizadas em um espaço reservado da escola, onde não havia grandes intervenções de demais alunos das diversas turmas. A coleta de dados de seu por meio de um gravador de áudio.

Após a coleta, a transcrição dos áudios se deu manualmente devido ao fato de diversos ruídos e diferenças do volume entre as vozes dos alunos presentes na gravação não possibilitar o uso de recursos tecnológicos para o mesmo. As entrevistas foram realizadas em grupos de até 5 alunos cada. Nesta pesquisa, utilizamos, para representar os grupos, uma letra, e para representar os alunos, um numeral.

A identificação dos alunos se dá da forma 5K1, de forma que o algarismo 5 representa que o aluno é do quinto ano e o 6 do sexto ano, K, P, A, R, T, V, C, representam grupos distintos para fins de identificação de cada um, enquanto o algarismo 1 apresentado, varia de 1 à 5, de forma a identificar cada membro do grupo.

Devido a vasta gama de dados presentes na entrevista, separamos os dados em categorias estratégicas que tratam assuntos diferentes. Neste trabalho, trazemos os dados direcionados aos saberes dos alunos do quinto ano e suas expectativas para o sexto ano, as contribuições de suas famílias nesse processo, bem como os dados dos alunos de sexto ano sobre os mesmos fatores,

assim como sobre suas lembranças em relação ao quinto ano.

A análise e interpretação dos resultados se deu por meio da Análise de Conteúdo, de acordo com a sintetização de Bardin (1977), caracterizada como: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A análise de dados

Um dos instrumentos mais comuns em coletas de dados com pessoas é a entrevista. Devido ao fato de se estabelecer uma interação entre o pesquisador e o pesquisado, se tem uma vantagem em questão de captação de sentimentos e intenção da fala, neste caso a do aluno, podendo se estabelecer também uma equidade hierárquica a partir da fala durante o processo.

A análise dos dados coletados na entrevista é baseada em Bardin (1977, pg. 14), que diz que “por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar”, sendo este nosso objetivo na transição do quinto para o sexto ano. Seguindo os pensamentos de Bardin (1977), a organização da análise se dá em três pontos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise, segundo Bardin (1977), é a fase de organização e sistematização das ideias para a condução das sucessivas operações necessárias para o plano de análise, ainda esse ponto é dividido em algumas atividades: a) A leitura flutuante, que consiste em estabelecer contato podendo se deixar levar pelas impressões e orientações, b) A escolha dos documentos, consiste na demarcação do que será analisado, c) A formulação das hipóteses e dos objetivos, é a elaboração da suposição provisória que queremos verificar, nos questionamos sobre o assunto, se determinada coisa acontece realmente pelos fatores que já conhecemos, d) A referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, momento em que se dá a determinação de indicadores por meio de recortes dos dados, e por fim e) A preparação do material, como no caso da entrevista, a transcrição da mesma e seu uso para a realização da análise.

Bardin (1977) afirma que a exploração do material consiste em garimpá-lo de modo a codificá-lo, o que corresponde a uma transformação, deixando de ser apenas um dado para se tornar um meio de esclarecer ao analista suas características, definindo categorias a partir de recortes, enumerações, classificações e agregações. Por fim, “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos” (BARDIN, 1977, p. 101), podendo assim nesta etapa final resultar ao analista propor ideias suprimindo os objetivos propostos ou servindo de base a outros estudos e descobertas.

Esse tipo de análise de dados segundo Bardin (1977, pg. 28)

[...] é dizer não a ilusão da transparência dos factos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea. É igualmente tornar-se desconfiado relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjectivo, destruir a intuição em proveito do construído, rejeitar a tentação da sociologia ingênua, que acredita poder apreender intuitivamente as significações dos protagonistas sociais, mas que somente atinge a projecção da sua própria subjectividade. [...] É ainda dizer não à leitura simples do real, sempre sedutora, forjar conceitos operatórios, aceitar o carácter provisório de hipóteses, definir planos experimentais ou de investigação.

Atravessar a barreira da certeza e do que conhecemos, buscar pensamentos ousados, capazes de causar incertezas e verificar se não há generalidade nisso. Bardin (1977, p. 31) afirma que os resultados oscilam podendo se confrontar ou complementar, sendo de um lado a verificação prudente e de outro a interpretação brilhante, “a técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objectivo pretendidos, tem que ser reinventado a cada momento”, isso nos diz que as diferentes formas de pensar precisam ser levadas em consideração e rever a veracidade das possíveis hipóteses formuladas a partir destes.

Sobre a transição

O Ensino Fundamental de oito para nove anos começou a ser implantado nas escolas a partir da aprovação da lei 11.274 de fevereiro de 2006 que previa a duração do ensino fundamental não mais com oito, mas sim com nove anos. Com isso foram necessárias adaptações tanto na escola e documentações. Na Diretrizes Curriculares Nacionais agora temos no art. 29:

A necessidade de assegurar os alunos um percurso contínuo de aprendizagens torna imperativa a articulação de todas as etapas da educação, especialmente do ensino Fundamental com a Educação Infantil, dos anos iniciais e dos anos finais no interior do Ensino Fundamental, bem como do Ensino Fundamental com o Ensino Médio, garantindo a qualidade da Educação Básica. (BRASIL, 2010, p. 08).

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação traz cuidados mais específicos que se deve ter quanto a transições específicas, no caso da transição do quinto para o sexto ano, apresenta:

Mesmo no interior do Ensino Fundamental, há de se cuidar da fluência da transição da fase dos anos iniciais para a fase dos anos finais, quando a criança passa a ter diversos docentes, que conduzem diferentes componentes e atividades, tornando-se mais complexas a sistemática de estudos e a relação com os professores. (BRASIL, 2013, pg. 120, apud PARANÁ, 2015, pg. 13).

Mesmo que presente estas alterações na legislação, vemos que as mesmas ainda não

estão ocorrendo de forma efetiva, mesmo após alguns anos ainda não se observou grandes avanços na referida transição.

Observamos, ainda, nos dias de hoje, uma dualidade pedagógica. Segundo Paula et al (2018) os estudantes egressos dos anos iniciais do ensino fundamental estão acostumados com uma estrutura pedagógica diferente tanto em metodologias, quantidade de professores e tratamento da instituição. Além disso, os professores também demonstram dificuldades de lidar com os novos alunos que chegam aos anos finais do ensino fundamental, tanto em questão de formação, organização do espaço escolar ou ainda pela faixa etária dos alunos.

Um dos maiores problemas para os alunos nessa fase é a disposição necessária para lidar com a ampliação do número de professores e da grade curricular, das lições de casa, trabalhos, provas e também com a ampliação da quantidade de matérias a serem estudadas. Neste momento da transição, verificamos que os estudantes não estão muito preparados para essas modificações e que os professores e as instituições também não estão prontos para fazer a transição e também para receber esses alunos. (PAULA et al, 2018, p. 48)

Segundo Aguirre (2017) há a ausência de ações sobre o assunto, tanto na questão de melhor adaptação dos alunos, quanto de preparo dos professores. Mesmo que o aluno necessite superar a infância para assumir uma postura mais madura, a escola juntamente com seus diferentes agentes precisa auxiliar e assumir responsabilidades e não apenas culpar algum sujeito. Não retiramos o mérito do desafio da busca e descoberta de melhores ações para tal, mas se faz necessário para se ter melhores caminhos a serem trilhados pelos alunos de modo que se sintam sujeitos do processo de construção do conhecimento.

Juntamente com a transição escolar, segundo Paula et al (2018), acontece também a transição da infância para a adolescência trazendo consigo mudanças que contribuem com as dificuldades vividas pelo aluno, sendo uma fase repleta de descobertas e com uma vasta gama de sentimentos, onde começa a apresentar repulsa aos sinais da infância, mas ainda chora pelo colo perdido. As autoras destacam que cuidar com as atitudes e palavras e ficar atento as alterações dos alunos pode prevenir conflitos e estabelecer uma harmonia no fluxo da transição.

O bem-estar social é fundamental no processo de formação e maturação do indivíduo, a escola é um dos ambientes mais propícios e marcantes para socializar e integrar grupos com os quais haja identificação mútua. Sendo assim, no processo de transição escolar, percebe-se que os amigos se dispersam e o novo ambiente não proporciona um acolhimento e uma identificação imediata. (PAULA et al, 2018, p. 41)

Paula et al (2018) diz, ainda, que no processo de transição dos referidos anos escolares é preciso “resgatar a importância do papel do professor e o da família” (PAULA et al, 2018, p. 44), deixar à par dos desafios, experiências e a necessidade de desenvolvimento que o aluno

precisa superar. Com ajuda destes o impacto diminui e a qualidade no relacionamento aumenta, tanto com a família, professores e com os colegas, fazendo sua evolução se tornar tranquila e natural, tanto em aprendizagem quanto adequação com o novo espaço.

Quando a escola e a família utilizam a mesma linguagem, demonstra além de coerência, a confiança que é de grande importância para o desenvolvimento do aluno. Tiba (2005) considera a escola como um local de alianças, que colaboram para seu desenvolvimento e bem-estar e podem preparar para lidar com as adversidades que estão por vir, ajudando assim os alunos a criarem a sua autonomia e independência.

Tiba (1996), comentando que o aluno precisa sim desenvolver a autonomia, destaca que o aluno precisa aprender a construir seu conhecimento, ninguém pode estudar pelo aluno, os pais devem ajudá-los nisso, com orientações e acompanhamentos mas cuidar para não deixá-lo dependente de suas ações.

Por fim Aguirre (2017) ainda traz as necessidades e possibilidades de formação inicial e continuada como processos de intervenção, articuladas às propostas educativas das escolas, para amenizar as dificuldades da transição do quinto para o sexto ano.

Desenvolvimento

Se tratando de entrevista programada fazemos a comparação de falas de dos alunos do quinto com o sexto ano evidenciando as principais falas ou, ainda, as mais marcantes que podem colaborar no que diz respeito as reflexões que vem trazendo o aluno do 5º ano para a transição. Muitas das falas dos alunos, demonstram por si só, as experiências vividas na escola.

✓ Relação do que esperam e o que sabem da nova escola

Ao perguntar como os alunos do quinto ano acham que vai ser o próximo ano, o sexto, apresentam as seguintes falas:

5P1: *Ah, difícil e chato*

5P4: *Ruim, muito chato*

5T4: *Que lá vou estudar bastante*

5T1: *A professora já disse que vai ser o dobro de... texto, mais que escreve aqui*

5R5: *Legal e divertido... É a única coisa que se estudar de tarde, às vezes dá briga*

Os diferentes sentimentos aparecem, alguns ruins, mas ainda há um bom, mesmo que apresenta um pouco de medo em relação ao comportamento dos alunos ao novo espaço. Já nas

falas de 5T4 e 5T1, acreditam que terão mais coisas a fazer e será mais difícil, ainda na fala de 5T1 já apresenta a influência do professor na ideia manifestada. Paula et al (2018) afirma que durante a transição o professor regente do 5º ano, normalmente os avisa diariamente sobre as dificuldades que serão encontradas no 6º ano.

E quando questionado o porquê dessas expectativas, os alunos que não responderam juntamente com a pergunta anterior, os mesmos resultados aparecem, tanto em questão de conteúdo, repulsa ao sexto ano e uma intervenção negativa novamente está presente, mas não deixa explícito a mesma causa, aqui na fala de 5P1, temos uma intervenção não direta da escola, mas sim da família.

5P1: *Só vai ser legal a parte de ir com a minha prima pra escola, o resto vai ser chato, porque vai ter um monte de professores, um monte de aula, vai ser bem corrido*

5P2: *A melhor parte do ano que vem, é de ir para casa*

5P1: *Eu só sei que vai ter um monte de professor chato se eu for no sexto A, porque minha prima conta tudo*

5C4: *Me falaram que vai escrever umas quatro folhas*

5C3: *Uma coisa que eu entendi é que aqui os professores pegam no pé, lá você fez ou não fez, tanto faz, é o que eu ouvi falar*

Na fala de 5C3 vemos que também há uma intervenção que deixa a entender que no sexto ano os alunos não possuem cobranças por parte de seus professores. A fala “uma coisa que eu entendi” reporta à reflexão de que os alunos conversam sobre o próximo ano escolar, talvez com pessoas que mais causam ansiedade do que contribuem.

Para compreender melhor a situação dos alunos, pedimos aos alunos se já sabiam para qual colégio iriam, e notoriamente, salvo de exceções de mudança de cidade, os participantes de cada grupo iriam para um mesmo colégio. Considerando que muitos alunos fizeram falas com sentimentos ruins e de dificuldades em relação ao sexto ano e considerando a manifestação de que todos iriam para a mesma escola, surge o questionamento:

Pesquisador: *Mas pelo que vi, se fulano não for embora, todos vocês vão estudar no colégio X, será que vocês não podem se ajudar entre amigos?*

5P4: *Mas a gente não vai estudar todos juntos*

5P2: *O colégio sabe onde a gente mora*

Pesquisador: *E eles separam vocês?*

5P2: *Eles escolhem os que mais está perto da nossa casa (Se referindo aos colégios)*

5P3: *Tipo você que mora lá no centro não vai dar pra estudar nesse colégio aqui*

5P4: *Mas lá tem um monte de sexto ano, não só um... a menina falou que é até o G*

Pela fala de 5P2 “O colégio sabe onde a gente mora”, parece que o colégio é o grande vilão neste momento, não sendo parceiro dos alunos e ainda querendo separar os amigos. Ao decorrer da fala foi questionado a esse aluno se ele poderia pensar coisas boas do sexto ano, com pulso firme 5P2 diz: “*Se tiver, eu vou*”.

No grupo R, após comentado qual seria a futura escola dos alunos, uma fala impactante nos traz outro ponto a ser levado em consideração, a segurança:

5R2: *Eu acho que não vai ser legal não por causa dos conteúdos, mas por causa das brigas de lá, tem gente que rouba celular... eu já vi gente roubando celular, eu vi uma vez um homem com arma lá.*

Em se tratando de crianças, em um espaço onde as mesmas deveriam se sentir seguras, vemos que nem sempre é isso o que acontece, o medo e as turbulências da transição vão além de diferentes metodológicas, a quantidade de professores e organização escolar como as pesquisas sobre a transição retratam. No sexto ano serão os menores do colégio e os alunos apresentam esse conhecimento.

Por mais que esteja prevista a segurança nas escolas a partir da defesa e a preservação do aluno, ela não tem ocorrido de forma efetiva, ficando uma ansiedade retratada na fala de 5R2.

✓ **Em relação a conteúdos e desenvolvimento**

Mesmo sem perguntar especificamente sobre os conteúdos aos alunos, algumas falas sobre a quantidade de textos no sexto ano, já aparecem. Primeiro pedimos aos alunos quais eram os conteúdos vistos no quinto ano, como a maioria falou os mesmos conteúdos, apresentamos de forma geral: “Frações”, “porcentagem”, “transformar fração em decimal”, “Multiplicação e divisão” e “medidas”.

Ao traçar ligações com as falas que apresentam ideias relacionadas ao conteúdo do sexto ano, temos:

5A3: *Difícil... Porque a cada ano vai dificultando mais*

5A2: *Também vai ter bastante conteúdo, bastante perguntas*

5T2: *Vai ser mais difícil... Ainda mais com a raiz quadrada*

5V4: *Eu não tenho muito medo porque tenho amigas que já passaram pelo sexto ano, e elas falam que não é muito ruim, porque eles vão retomar tudo aquilo que passou no quinto ano... Só que um pouco mais difícil*

5V1: *Eu acho que vai ser mais difícil porque vai ter coisas novas que a gente ainda não viu, eu acho... coisas que a gente não aprendeu direito*

5T3: *Lá onde meu irmão estuda escrevem 5 quadros cheios, e quem não copia, fica na hora do recreio até na hora de sair; até copiar tudo.*

Ao analisar as falas, podemos ver que os alunos entendem que a cada ano os conteúdos vão progredindo de forma a encararem como se estivesse dificultando, mesmo assim surgem opiniões de que o problema não é o conteúdo, mas a quantidade. Também apresentam a ideia de que existem conteúdos que não foram bem aprendidos no quinto ano, o que pode dificultar o entendimento dos próximos conteúdos que utilizam os primeiros como base.

Na fala de 5T3, ele comenta que são tantos conteúdos a ponto de perder o recreio para copiar, não se sabe qual colégio o irmão de 5T3 estuda, mas ele conta que está indo para o colégio X, como a maioria de seus colegas. O que 5T3 não aparenta saber é o que seu colega nos diz:

5V3: *Tem uma coisa que a minha tia que estudou lá também, falou, que aqui tem recreio todos os dias, lá não, só tem uma vez.*

5V1, por sua vez, aparenta estar ansioso, como mostra o trecho seguido da fala de 5V3:

5V1: *É, mas não vai ter problemas, porque já vamos estar adolescentes*

5V2: *AINDA NÃO CICLANO* (Em alto tom de espanto e contradição)

5V3: *Calma Ciclano*

5V1: *Calma?*

Assim podemos ver que não só a transição traz ansiedade, mas há a adolescência que se dá no mesmo período. Em outro trecho, o mesmo aluno que diz que será adolescente no sexto ano, apresenta dicas de “apresentar brincadeiras” para o professor do sexto ano que remetem a infância.

✓ **Comparações com as falas do sexto ano**

Com o questionamento agora voltado para os alunos do sexto ano, pedimos como foi o

quinto ano:

6A2: *Eu lembro um pouco... Eu gostava de lá*

6A4: *Pra mim não foi legal*

6A1: *Não era muito legal, só gostava das professoras*

[...]

6A3: *Ano passado a gente não podia pedir ajuda para o professor, nesse ano a gente pode*

Pesquisador: *Não podiam?*

6A4: *Não... Era nós duas que estudava na mesma escola*

6A2: *A nossa podia*

6A4: *Se a gente pedisse, ela ficava brava com a gente, assim... Ela não responde direito.*

Perceba que os alunos não demonstram muitos sentimentos bons pelo quinto ano, mas em questão de afetividade com o professor, há distintas experiências.

Ao questionar o que os alunos esperavam do sexto ano quando estavam no quinto, as seguintes falas decorrem:

6P2: *Um bicho de sete cabeças*

6P1: *Ah... Então, a professora falava que a gente não ia passar, ia ser muito difícil da gente passar de ano*

6P3: *Isso mesmo*

Pesquisador: *E vocês vão passar?*

6P1: *Eu já tô passada, acho.*

Pesquisador: *Vocês achavam que ia ser mais difícil do que está sendo?*

6P3: *A professora ficava aterrorizando a gente com “estórias”*

6P2: *Não é difícil, é “mó facinho”*

Ao comparar com as respostas dos alunos do quinto ano, vemos que estes estudantes também “foram preparados” pelos seus professores, mesmo que de modo inconsciente, sobre o sexto. Os alunos comentam que também tiveram expectativas ruins do sexto ano no passado, além do mais uma das falas retrata isso: “A professora ficava aterrorizando a gente com ‘estórias’”, o que causou apenas stress antecipado de forma a acreditarem em uma coisa que não se confirmou quando os mesmos vivenciaram o sexto ano.

Em seguida mostramos as principais diferenças notadas pelos alunos do quinto para o sexto ano.

6A2: *As contas vão aumentando, são mais trabalhos.*

6A4: *Mais contas, nas chaves.*

6A3: *Mudanças de professor.*

[...]

Pesquisador: *E o que vocês mais gostaram, quando vieram para o sexto ano?*

6A2: *De conhecer coisas novas, né.*

6A3: *Conhecer mais professores.*

6A1: *Ah, da mudança de professor eu não gostei... Eu achei que ia ser diferente... Que era só um professor*

6A3: *Eu já sabia que ia ser assim porque minha irmã, ela já estudava aqui... Ela sempre falava que era assim... E ela falava que tinha muita briga, aí eu tinha medo de vir pra cá*

Pesquisador: *Hum, mas não tem tanto assim, né?*

6A3: *Não*

A forma que os alunos do sexto ano apresentam os dados sobre o sexto ano como no caso destas falas, vemos que há várias influências na transição, mas são apresentadas de forma a entender que essas condições tiveram que ser aceitas devido a necessidade de amadurecimento, existe sim influência na transição, mas neste caso apresentada com uma certa tranquilidade, não se compara a forma que os mesmos interpretaram os alertas dados pelo seu antigo professor, suas falas indignadas mostram que se preocuparam sem necessidade.

Assim como Paula et al (2018) afirma, todo profissional bem treinado trabalhando juntamente com a equipe pedagógica estruturada, tem uma eficácia em seu desempenho, fazendo com que esse processo de transição seja apenas mais uma fase para o aluno, sem ser um problema.

✓ **Sobre a influência da família na vida escolar do aluno**

Quando questionamos os alunos de quinto ano se seus pais ajudam a estudar, tivemos as seguintes respostas.

5T1: *Só quando eu pergunto*

5R1: *Até meu padrasto que não tem muito estudo, me ajuda*

5C5: *Minha mãe me ajuda a fazer um monte de conta de matemática*

5A4: *Quando minha mãe tem tempo ela me ajuda*

5P3: *Meu padrasto não me ajuda muito, o porquê eu não sei*

E quando questionados se seus pais perguntam como foi o seu dia na escola:

5R2: *Ela pergunta: “Tem tarefa hoje Fulana? Senão não vai brincar”*

5P1: *Eles só falam: “A escola foi boa?” aí você fala que não e eles: “legal”*

5P2: *Um dia sim, um dia não, um dia não, dia não, dia não, dia sim, sim, não... Chega em casa aí meu pai fala “você chegou da escola?” “Não, ainda to lá”*

5A2: *Só minha mãe pergunta o que eu faço, meu pai raramente*

5C3: *No máximo quem pede alguma coisa é a minha mãe, ‘você tem tarefa, aí falo: “tenho”, e ela fala: “então faz”.*

Fica fácil perceber o interesse dos pais sobre a vida do aluno somente quando seu filho apresenta dificuldades ou lhe é solicitado. Nas falas dos alunos, quando questionamos se seus pais pedem como foi o seu dia, eles até deboçam devido a seus pais não perceberem o que eles falam, questão de pedir por pedir, mesmo que com respostas grossas, eles não se dão conta.

Após isso foi questionado como que gostariam que seus pais intervissem na vida escolar deles, tanto em casa com tarefas, trabalhos e atenção, quanto na escola.

5R5: *Queria que ele (pai) aprendesse e ajudasse, porque o meu pai tem que voltar aos estudos, porque não sabe nem de cor o número que ele usa no WhatsApp.*

5R2: *Às vezes a minha mãe está tão apressada que às vezes eu peço se está certo o conteúdo, aí ela olha assim dá uma piscadinha e fala que tá tudo certo. Igual hoje, aí a professora foi corrigir no quadro e estava tudo errado as contas, eu tinha perguntado para ela tinha falado que estava certo.*

5R1: *Eu queria que minha mãe e meu pai sentassem assim comigo... para me ajudar, só que na maioria das vezes é só meu pai ou só minha mãe.*

5R5: *Se você não conseguir os pais estão do lado para te ajudar e se eles não conseguem você também pode ajudar eles.*

5V2: *E tem que ir nas entregas de boletins pra saber se seu filho está indo bem ou não.*

5C1: *Gostaria que meu pai ficasse mais em casa também.*

[As próximas três falas constituem um trecho corrido da entrevista]

5A4: *Meu pai e minha mãe não têm muito tempo pra me ajudar porque eles saem de manhã cedinho e só voltam a noite.*

Pesquisador: *Mas você gostaria se eles tivessem tempo de te ajudar né?*

5A4: *Eu gostaria muito.*

[As próximas três falas constituem um trecho corrido da entrevista]

5P2: *Ajudar a fazer as tarefas, ir nas reuniões...*

Pesquisador: *Seus pais não vêm na reunião?*

5P2: *Não, não, nem a matrícula pro sexto ano eles fizeram, nem meu pai nem minha mãe, nem ninguém.*

O desejo de praticamente todos os alunos do quinto ano se faz em ter mais atenção de seus pais ou responsáveis, de forma que convivam com eles. Paula et al (2018), ressalta a importância do acompanhamento e supervisão dos pais no decorrer do desenvolvimento do aluno e cita Mesomo (2013) que comenta a missão de amenizar a transição deve também aos pais dos alunos. Ela comenta sobre os alunos de sextos anos não ter maturidade suficiente por apresentar cerca de 12 anos, mas neste caso estamos pensando em alunos do quinto ano e já se sentem assim. Os alunos vão precisar andar sozinhos e as responsabilidades vão aumentar, mas não é largar o aluno, a falta de comprometimento dos pais muitas vezes é motivo de fracasso por parte dos alunos.

Quando os alunos do sexto ano são questionados sobre se seus pais ajudam a estudar, apenas um aluno respondeu de modo afirmativo, quase em mesma proporção foi a resposta de se seus pais perguntam como foi o dia deles. Já para o questionamento de como eles gostariam que seus pais ajudassem, as respostas foram as seguintes:

5A3: *Que ajudasse a gente para de assistir muita TV. E ajudasse a gente.*

5A2: *Mas é impossível.* (complementando a fala do colega 5A3)

5P4: *minha tia fica puxando o meu pé.*

5P2: *Estudando aqui comigo, mentira!* (em tom de deboche)

Enquanto os alunos do quinto ano sentem a necessidade de ter seus familiares próximos, e que estejam aos seus ouvidos nas diversas situações do dia a dia, os alunos do sexto ano apresentam desinteresse sobre a possibilidade de seus pais estarem os acompanhando na escola, se sentem adultos, como se não precisassem mais de cuidados.

Considerações Finais

Com objetivo de buscar pontos nas expectativas e vivências dos alunos que afetam a transição do quinto para o sexto ano, podemos claramente destacar a fala dos professores de quinto ano, sendo um ponto forte que faz despertar nos alunos o medo e a angústia. Muitas vezes colocados como meros avisos, tem desencadeado nos alunos a interpretação de um

desafio quase que impossível de superar.

Se destaca também a quantidade de conteúdos e que a dificuldade vai aumentando, mesmo que os alunos tenham a concepção da dificuldade ser gradual assim como se dá na vida, eles apresentam isso juntamente com a quantidade, a fim de mostrar que realmente neste ponto é diferente. Além disso se mostrou presente a dificuldade da família tanto em tempo como de conhecimento para auxiliar seus filhos em relação aos estudos deles, fazendo-os demonstrar diversos pontos que gostariam que fossem diferentes e pudessem ter maior presença de seus pais na escola.

Ao mesmo tempo percebe-se que os alunos começam a se cobrar em questão de serem independentes, a tão sonhada adolescência para eles, onde as mudanças biológicas já se fazem presentes para alguns, com esse momento coincidindo com a transição do quinto para o sexto ano. Com tantos fatores é compreensível o baixo rendimento de alguns estudantes ao adentrar no sexto ano.

Segundo Paula et al. (2018), citando Scandelari (2008), precisamos da sensibilização do educador quanto às particularidades do desenvolvimento dos estudantes, tanto social quanto afetivo, fazendo com que os educadores avaliem constantemente seus métodos pedagógicos, trazendo o mais próximo da realidade possível.

Necessita resgatar o papel da família na vida escolar do aluno, deixando claro como ocorre a transição assim como as práticas do docente, de modo que a linguagem seja sobre ser a mesma, transformando algo turbulento em algo familiar, de forma natural ao aluno. Também salientamos a importância de o professor ter cuidado com seus comentários e “estórias”, mesmo que com tom de aviso, ou com a intenção de prepará-los, pois eles podem plantar o medo, a tensão e até mesmo a tristeza antes mesmo deles experienciarem o sexto ano.

Uma intervenção que poderia ser realizada nas escolas, é uma roda de conversa em que alunos que concluem o sexto ano, pudessem contar e responder perguntas dos alunos que vivem a expectativa do sexto. Realizar uma gincana entre quintos e sextos anos, para que em meio as provas ocorra a troca de experiências.

Referências

AGUIRRE, Kimberly, C. A Transição dos Anos Iniciais Para os Anos Finais do Ensino Fundamental: O que diz a produção nacional, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1316/1/AGUIRRE.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Editora Edições 70/Persona, 1977. 230 p.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica/Secretaria de Educação Continuada/Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília: MEC, 2013.

CUNHA, Andréia C. MARTINEZ, Flavia W. M. Transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental: A relação entre professores e alunos, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_uenp_andreiacristinadacunha.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

PARANÁ. **Ensino Fundamental.** Proposições para a transição do 5º ano para 6º ano no município de Curitiba. 2015. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/ens_fun_transicao_5ano_6ano.pdf>. Acesso em 01 mai. 2017.

PAULA, Andreia P. *et al.* Transição do 5º para o 6º ano no Ensino Fundamental: Processo educacional de reflexão e debate, 2018. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/v8/v8-artigo-3-TRANSICAO-DO-5-PARA-O-6-ANO-NO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SCANDELARI, Marcia. N. Reflexões em torno do processo da passagem dos alunos da 4ª para a 5ª série do ensino fundamental. Produção Didático – Pedagógica Unidade Temática, Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1754-8.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** 1. ed. São Paulo: Gente 1996.

TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama, educa!** 37. ed. São Paulo: Integrare, 2005.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abarca desde as expectativas dos alunos do quinto para o sexto ano, quanto as vivências dos alunos do sexto ano e ainda as reflexões de professores de quinto ano sobre as suas próprias práticas na influência das expectativas deles, essa reflexão por parte dos professores se deu após os alunos de quinto apresentarem representações negativas, surgiu o questionamento: como eles poderiam saber das “realidades” do sexto ano se ainda não a vivenciaram?

Assim, analisando os desenhos vemos que trazem em si os pensamentos e as características que a transição possui na visão dos alunos, para os estudantes do quinto ano quando apresentam ser bons alunos, que não deixam a desejar nos aspectos que a escola lhe cobra e ainda assim a comunidade ao seu redor o avisa a todo momento que o próximo ano é complicado, e demais argumentos que fazem o aluno compreender que o produto de seus esforços não é importante. Mesmo que esses argumentos sejam na intenção de alertar e prepará-los, apresentam danos na concepção do aluno, trazendo dificuldades antecipadas, como estresse, medo e repulsa.

Podemos destacar a fala dos professores de quinto ano, sendo um ponto forte que tem desencadeado nos alunos a interpretação de um desafio difícil. A quantidade de conteúdos e que a dificuldade vai aumentando nas atividades, são pontos que também estão presentes. A quantidade de forma mais destacada desde o quinto ano.

Ainda com as falas dos alunos, a família se mostrou desinteressada em relação aos estudos de seus filhos, fazendo-os demonstrar diversos pontos que gostariam que fossem diferentes e pudessem ter seus pais mais presente na escola, mesmo que os mesmos saibam que seus pais necessitam trabalhar. E então com tantas dificuldades a visão de superação de tudo vem a cobrança em questão de serem independentes, a tão sonhada ou temida adolescência para eles, onde as mudanças biológicas já se fazem presentes aos tantos e ainda é hora de lidar com a transição na escola.

Podemos perceber a falta de preparação tanto do estudante, quanto do professor nesta fase de transição. Juntamente com a equipe escolar é necessário posicionamento por meio de acompanhamentos e reflexões, em busca de estratégias para que esse processo seja vivido do modo mais natural possível.

Deixar o aluno seguir seu caminho, sem intervenções diárias por parte dos professores

e comunidade escolar é outra ação que precisa ser colocada em prática, juntamente com auto avaliações pedagógicas constantes por parte dos professores, de modo a entender as particularidades das dificuldades apresentadas pelos alunos na transição, para que se consiga amenizar ou até mesmo sanar, de forma tranquila.

As principais considerações que emergem do primeiro artigo, que se trata das expectativas e vivências da transição, traz a questão da cultura fortemente encontrada no ambiente escolar do quinto ano, os alunos deste apresentam apontamentos negativos em suas expectativas para o sexto ano. Ao se tratar destes alunos de forma que os mesmos ainda não vivenciaram o sexto ano, consideramos que há aspectos que influenciam na construção destas expectativas. Já os alunos de sexto ano apresentam uma certa tristeza em seus desenhos, de modo a comparar os conteúdos e os estudos que realizaram com práticas pedagógicas diferenciadas como filmes e interdisciplinaridade presente em seu antigo quinto ano.

Desta forma deixamos os avisos à comunidade escolar para se atentar a estes problemas, de forma a entender o que acontece no quinto além dos conteúdos, tanto na perspectiva de entendê-los e deixar as práticas pedagógicas contínuas, de forma a não haver abismos de diferenciação do quinto para o sexto ano. Não se tratando de uma mudança estrutural no sexto ano, mas sim se atentar a prática pedagógica de forma diversificada e lúdica.

Já as considerações do segundo artigo que trata das visões dos professores de quintos e sextos anos do Ensino Fundamental, sobre as expectativas que os alunos apresentam em relação ao sexto ano, notamos fortemente por parte dos professores o mesmo questionamento que tivemos sobre o aluno de quinto ano "saber" e imaginar o que acontece no sexto ano sem ao menos ter vivenciado. Sendo este questionamento ponto forte para a revisão de suas práticas, e percebendo que os avisos que os mesmos dão de forma a aconselhar os alunos podem se configurar um vilão da transição.

Se entende que o grande desafio da comunidade escolar juntamente com os professores das turmas de quinto e sexto ano, é ter a missão de buscar alternativas e estratégias de forma que a transição ocorra de uma forma mais natural possível, sem despertar nos alunos entendimentos e expectativas distorcidas e ruins.

As concepções presentes no terceiro artigo a partir das falas dos alunos em relação as expectativas e vivências, caminha juntamente com as reflexões sobre a prática presente no segundo artigo, onde os alunos apresentam repulsas para a transição e deixam claro a participação de seus professores, ainda mostram que os alunos tem entendimentos que os conteúdos vão ficando mais desenvolvidos com o passar dos anos e não apresentam repulsa a tal, mas sim a grande quantidade que lhe será administrado no sexto ano.

Como se trata de crianças próximo aos seus 12 anos, apresentam dados sobre sua transição da infância para a adolescência. Tanto dados sobre afeto familiar quanto sobre a independência que alguns sentem que precisarão alcançar, outros ainda não perceberam, e neste sentido apelam a seus familiares por mais atenção, não apenas em conteúdos, mas sim em relação a estabelecer uma parceria, onde ambos se ajudam.

Sendo necessária a sensibilização do professor e de suas famílias para trilharem este caminho junto com os alunos, para que se estabeleça uma linguagem mais familiar na escola de forma que seja confortável aos alunos, para ser utilizada diariamente e em momentos difíceis presentes na transição, essa linguagem dê segurança aos alunos, de forma que conquistem sua autonomia.